

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL**

**AS REPRESENTAÇÕES E CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE VIDAS NEGRAS
NA OBRA “O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO”, DE MONTEIRO LOBATO**

Katiéli Soares dos Santos

Orientado(a): Liliane Dutra Brignol

Santa Maria, RS, Brasil. 2019.

Katiéli Soares dos Santos

**AS REPRESENTAÇÕES E CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE VIDAS
NEGRAS NA OBRA “O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO”, DE MONTEIRO
LOBATO**

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social - Produção editorial, da
Universidade federal de Santa Maria (UFSM-
RS), como requisito parcial para obtenção do
título de **Bacharel em Comunicação Social -
Produção Editorial.**

Orientadora: Prof^a Dr^a Liliane Dutra Brignol

Santa Maria, RS, Brasil

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL**

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia.

**AS REPRESENTAÇÕES E CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE VIDAS
NEGRAS NA OBRA “O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO”, DE MONTEIRO
LOBATO**

**ELABORADA POR
KATIÉLI SOARES DOS SANTOS**

**COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL
EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL.**

COMISSÃO EXAMINADORA

Liliane Dutra Brignol, Dr^a (UFSM)

(Presidente/orientadora)

Cíntia Mara da luz, Mr^a (UNISC)

Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz, Dr^a (UFSM).

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha avó materna, Vilma Brandão Soares. Que me inspirou como pessoa e que considero um dos pilares principais da minha vida.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente, a minha família, composta por mulheres que sempre foram e me ensinaram a ser independente, como minha avó Maria Vilma Brandão Soares, mulher que dedico esse trabalho e que não gostava que a chamasse de Maria apenas de Vilma. A minha mãe, Cátia Simone Brandão Soares e a minha irmã Tiéli Soares dos Santos.

As componentes do coletivo de mulheres negras Dandaras, por me acolherem e fortalecerem nessa luta diária contra o racismo e por me darem suporte para continuar na academia. E aos componentes do movimento negro, por todo trabalho realizado anteriormente ao meu e que permanecem lutando pelas próximas gerações. Agradeço, também, a todos as pessoas que de alguma forma colaboram para fortalecimento de nosso povo, seja dentro de coletivos ou não.

A Liliane Brignol, minha orientadora, por todos os momentos de conversa e por me fortalecer na produção dessa monografia. Por entender todos os atrasos e por me apoiar em todos os processos e me fazer acreditar nesse trabalho.

Aos componentes do GT Negros, em especial a Maria Rita Py Dutra, por me auxiliar com a análise dessa obra e por todos o trabalho realizado em favor da negritude e a Josué Goulart, por todos os conselhos dados e estímulos para enriquecer esse trabalho.

A Cintia Mara da Luz, mulher que me fez inspirou a produzir a essa pesquisa, sem a sua fala, provavelmente essa pesquisa nem existiria. E por todo o trabalho produzido, da busca por mais representatividade e de valorização de nossa cultura.

A minha colega, Kátia Leonor, que tive contato apenas nesse ano e a sua companhia que me faz tão bem e confiante de minha luta. Tenho certeza que todas as trocas de conhecimentos entre nós foram extremamente importantes para a conclusão desse trabalho.

A minha psicóloga Julia Sousa, que foi um dos meus maiores apoios para o cuidado com minha saúde mental. A terapia para nosso povo é essencial em inúmeros momentos da vida e para enfrentar toda os processos que passamos, melhor ainda quando essa profissional também é uma pessoa negra.

As minhas revisoras, Amanda Fiuza e Larissa Santos, que aceitaram esse trabalho e em pouco dias permitiram que ele se tornasse adequado.

Aos membros do grupo PET Ciências Sociais aplicadas, que me trouxe tantas novidades e discussão sobre temas que nunca imaginaria.

E por fim, a todas as pessoas que de alguma forma colaboram para produção desse trabalho, seja elogiando, criticando e sendo referência.

“A sociedade é a construção e o racismo é o cimento: Componente estrutural provedor fundamental do interior ao acabamento”

(Luciana Nascimento)

RESUMO

AS REPRESENTAÇÕES E CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE VIDAS NEGRAS NA OBRA “O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO, DE MONTEIRO LOBATO

AUTORA: Katiéli Soares Dos Santos

ORIENTADORA: Liliane Dutra Brignol

A presente monografia busca identificar nos livros que formam a obra infantil “*O Sítio do Picapau amarelo*”, criada por Monteiro Lobato, representações e construção de estereótipos de personagens negras nas histórias. Como autor e editor, Lobato foi o responsável por escrever, editar, publicar e distribuir suas obras por todo o Brasil. Os livros, publicadas entre 1921 e 1947, que acompanham as aventuras de crianças na propriedade rural de sua avó, buscam promover diversos elementos da cultura brasileira para o público infantil. Atravessaram gerações e receberam inúmeras adaptações, inclusive no formato de série televisiva. O ponto de partida para o estudo é o problema de pesquisa: “como analisar a obra do sítio do Picapau Amarelo, a partir de reflexões sobre problemáticas raciais, de modo a investigar como as representações e a construção de estereótipos da população negra estão relacionados com o racismo estrutural da sociedade brasileira”. Para respondê-lo, a pesquisa busca problematizar as representações de pessoas negras, a posição que elas ocupam nas histórias infantis de Monteiro Lobato e categorizar as formas que as opressões contra os personagens negros ocorrem na obra, para, enfim, refletir sobre como a dimensão estrutural do racismo manifesta-se na obra. Além de pesquisa documental e bibliográfica, o trabalho é construído com base na análise de conteúdo de quatro obras selecionadas. Como principais resultados, observamos que a obra contém muitos elementos racistas que vão além das ofensas proferidas pelas personagens e pelo narrador. O racismo na obra de Lobato está em toda a sua estrutura e na forma que representa as personagens negras, trazendo os estereótipos da “Boa negra” e do “Bom negro”. Além de usos pejorativos da palavra negra(o)/preta(o), há diversas referências ao período escravocrata, além de ocorrer o rebaixamento das culturas negras em comparação com a cultura europeia. Portanto, torna-se de extrema importância assumir que o autor, sua obra e suas declarações são racistas e que negação desse fato prejudica o andamento de uma educação antirracista, tão necessária para desmontarmos essa estrutura que vivemos.

Palavras-chave: Racismo estrutural, Sítio do Picapau Amarelo, Representação e estereótipos.

Abstract

REPRESENTATIONS AND STEREOTYPES OF BLACK PEOPLE IN MONTEIRO LOBATO'S "YELLOW WOODPECKER'S RANCH"

AUTHOR: Katiéli Soares Dos Santos

ADVISOR: Liliane Dutra Brignol

This course conclusion paper intends to identify the representations and the construction of stereotypes of black people shown in the children's novel "Yellow Woodpecker's Ranch" written by Monteiro Lobato. As author and editor Monteiro Lobato was responsible for writing, editing, publishing and distributing his works throughout Brazil. The books, published between 1921 and 1947, about the adventures of some children in their grandmother's ranch, aimed to promote various elements of the Brazilian culture for the young public. His stories were passed by many generations and was adapted into different formats including a television series. The starting point of this research is: how to analyze the Yellow Woodpecker's Ranch by insights about the racial issues in a way that investigates how the representation and construction of stereotypes of the black population are related to the structural racism in the Brazilian society. In order to answer these questions this research tries to contest the representation of black people, the role that they play in Monteiro Lobato's children stories, categorize how the oppression towards black people happen in his work and, by that, reflect how deep the structural racism is present in the stories. This paper is based on documented and bibliographic research and it also analyzes the content of four selected stories. As some of the main results we observed that his work has many racist elements that included, for example, the characters refer to one woman as big lip nigger and the narrator comparison a black character to a monkey. The racism present in Monteiro Lobato's work is shown in its structure and by how he represents black characters, using stereotypes of "good negro" and pejorative use of the word "negro/nigger/black", having as well many references to the slave period, and demotion of the black culture in comparison to the European culture — as the black culture is seemed as inferior and the European as superior. Therefore is of extreme importance to assume that the author, his works and declarations are racists and that if this fact is denied the development of a anti racist education is harmed.

key words: structural racism, Yellow Woodpecker's Ranch, Representations and stereotypes

SUMÁRIO

1.Introdução	12
2.1. Conceituação de estereótipos, representação e racismo estrutural	14
2.1. A relação entre os conceitos de representação e estereótipos.....	15
2.2. Racismo estrutural brasileiro.....	18
2.3. O papel dos meios de comunicação na representação de pessoas negras.....	20
3. Percursos metodológicos	24
4. Contexto histórico da obra e Monteiro Lobato: O Autor e editor	30
4.1. Contextualização histórico da obra e do trabalhador negro no século XX.....	30
4.2. Lobato, o autor.....	32
4.3 Lobato, o editor.....	35
4.4 Pensamentos sobre raça, eugenia e sua relação com negros indivíduos negros.....	36
5.Análise de conteúdo de o Sítio do Picapau Amarelo	40
5.1. Construção dos personagens negros	44
5.1.1 Tia Nastácia e suas histórias.....	44
5.1.2 Tio Barnabé, homem negro e suas representações.....	47
5.1.3 Saci Pererê e o folclore brasileiro.....	49
5.2 Relação entre os personagens do Sítio do Picapau Amarelo	52
5.2.1 Sinhá.....	53
5.2.2 Medo do Saci.....	54
5.2.3. Relação entre personagens negros.....	55
5.3 Inferiorização do negro e da cultura do povo	57
5.3.1 Presença da oralidade.....	58
5.3.2 Cultura popular e cultura europeia.....	59
5.3.3 A finalidade da construção e representação dos negros na história.....	64
6. Considerações finais	72
7.Referências bibliográficas	75

Introdução

O presente trabalho busca identificar nos contos que formam a obra infantil *Sítio do Picapau amarelo*, criada por Monteiro Lobato, representações e construção de estereótipos de personagens negras, através da análise da presença de negros na história. Lobato foi o responsável por escrever, editar, publicar e espalhar suas obras por todo o Brasil, o mesmo, além de ser o autor das obras, era considerado um editor eficaz.

Em 2018, completam-se 70 anos de sua morte, devido a isso em janeiro de 2019, a obra entrou para o domínio público e está livre para sofrer modificações e para criação de novas versões sem a cobrança dos direitos autorais. O Sítio do Picapau Amarelo é o nome dado a obra que une as histórias de todos os seus personagens. Essas histórias encontram-se separadas por livros, cujos personagens principais são Narizinho, Pedrinho, O Saci, Emília, Tia Nastácia, Dona Benta e Visconde de Sabugosa. O primeiro livro da série foi “A menina de nariz arrebitado”, lançado no ano de 1920, com a versão ampliada em 1931, tendo o título alterado para “Reinações de Narizinho”. Em ambas a protagonista é a personagem Narizinho, uma menina descrita como doce que está sempre acompanhada de sua boneca Emília.

Para esta pesquisa foram selecionados quatro livros, sendo eles: Viagem ao céu (1962), O Saci (1962), ambos da 11ª edição. Histórias da tia Nastácia (1962), Caçadas de Pedrinho (1962), ambos da 10ª edição.



Figura 1. Obras de Monteiro Lobato, 1962. 10ª e 11ª edição. Editora brasiliense. (Fonte: imagem autoral.)

A criatividade de Monteiro Lobato nas obras foi por muitos anos disseminada entre o público infantil. O sucesso das aventuras vividas pelos personagens foi tanto que encantaram boa parte do público infantil. O que contribuiu também para o sucesso da aventura dos personagens, foi o fato que a série de livros foi adaptada para o formato de um seriado televisivo, que teve uma aceitação tão boa quanto os livros. A primeira versão do seriado foi exibida pela extinta emissora rede Tupi, entre 1952 e 1963, comandada por

Júlio Gouveia e Tatiana Belinky, ao todo foram exibidos 360 episódios. A segunda versão do seriado foi escrita por Paulo Afonso Grisolli e Wilson Rocha, entre 1997 e 1986, como resultado de uma parceria entre a Rede Globo e a TV Educativa e o Ministério da Educação e Cultura. A terceira versão do seriado foi transmitida pela Rede Globo, entre 2001 a 2007, sendo sua estreia realizada no dia das crianças, a série teve seu sucesso garantido nas temporadas, mas terminou com baixos índices de audiência. Em 2012, a versão mais recente da série foi lançada no formato de desenho animado.

Apesar do sucesso da obra e do aumento de debates sobre negritude no Brasil, observaram-se problemáticas em suas obras referentes ao modo como as questões étnico-raciais são abordadas. Há inúmeros artigos, teses, reportagens e dissertações com o objetivo de comprovar ou contestar a polêmica acerca das ofensas a pessoas negras que Monteiro Lobato expressa em suas obras. Os estudos analisam como eram representadas pessoas negras e como a obra que, aparentemente, relata apenas aventuras incríveis e recheadas de fantasia de crianças no sítio de sua avó, na verdade revelam um pensamento racista e estrutural de Lobato e de nossa sociedade.

A partir deste contexto, a problemática de minha pesquisa parte da seguinte pergunta: como analisar a obra do sítio do Picapau Amarelo, a partir de reflexões sobre problemáticas raciais, de modo a investigar como as representações e a construção de estereótipos da população negra estão relacionados com o racismo estrutural da sociedade brasileira. Com base nessa pergunta, destaco os objetivos deste trabalho, sendo o objetivo geral: Analisar e entender como o Sítio do Picapau Amarelo faz a representação e constrói estereótipos de pessoas negras em suas histórias. Busco analisar como a estrutura racista presente na sociedade brasileira pode ser percebida na obra. Quanto aos objetivos específicos, busco: Problematizar as representações de pessoas negras nos contos que formam a obra O Sítio do Picapau Amarelo; Construir um trabalho que gere debates acerca da posição que as pessoas negras se encontram nessas histórias; categorizar as formas que as opressões contra os personagens negros ocorrem na obra.

A justificativa para a produção desse trabalho parte de minhas motivações sociais, profissionais e pessoais em investigar se a obra o Sítio do Picapau Amarelo é uma obra que negligencia na representação de pessoas negras, indicando em suas histórias, na construção das personagens, na escolha das abordagens e das expressões, entre outros elementos, o racismo estrutural existente no Brasil e do próprio autor. Com isso, tornam-se importantes os estudos sobre a representação de vidas negras nas mídias e da finalidade

que os estereótipos possuem, por consequente, a análise das obras e sua problematização contribui para desconstrução desses estereótipos e na diminuição dos impactos do racismo na vida de pessoas negras, principalmente, na literatura brasileira e infantil.

Quanto às minhas inquietações como produtora editorial, aos pensamentos e a ética de Lobato, vejo a necessidade do estudante de Produção Editorial entender a fundo quem são e quem foram os editores brasileiros, a fim de não permitirmos que pessoas com ideias preconceituosas sejam valorizadas na história da editoração no Brasil, já que Lobato é considerado, também, um dos maiores editores do século XX. Ao ignorar os preconceitos expressos pelo autor, estaremos compactuando com indivíduos racistas e ao não problematizarmos essa face de Lobato, estaremos descumprindo a nossa tarefa como comunicadores sociais.

Outra justificativa para escolha do tema, parte de minhas motivações pessoais e sociais quanto às temáticas abordadas na monografia, como racismo estrutural, o negro na literatura infantil e a representação de pessoas negras. E de como esses estereótipos afetam a indivíduos autodeclarados negros/pretos, como eu, que não se sentem representados por esses estereótipos. Além disso, busco estudar e enriquecer meus conhecimentos sobre negritude, contribuindo para o aumento de trabalhos produzidos sobre questões étnico-raciais e fortalecer as produções do movimento negro e de seus componentes e/ou atualizar debates antigos, como é caso do tema levantado nesse trabalho.

2. Conceituação de estereótipos, representação e racismo estrutural.

Neste capítulo, são apresentados os três conceitos principais que direcionam as discussões para enriquecer a análise. Definir os conceitos de estereótipo, representação e racismo estrutural não é muito fácil, visto que são conceitos que geram maneiras de compreensão do social, implicando nas relações entre sujeitos que compõem a sociedade. Enquanto a representação atua como algo mutável e permite outras interpretações, o estereótipo vem para fixar e “eternizar” a imagem que temos de certos grupos étnico-raciais da nossa sociedade. É importante destacar que ambos conceitos são e foram estudados por diversos autores que convergem ou divergem sobre a sua definição. Outro tema que é tratado no capítulo é o racismo estrutural, que foi estudado para entendermos sua configuração, aplicação e gravidade na sociedade brasileira.

2.1 A relação entre os conceitos de representação e estereótipo.

Os conceitos de representação e estereótipo são complementares e, infelizmente, foram e ainda são reproduzidos de forma errônea, pois na realidade que estamos inseridos, eles se sobressaem ao reconhecimento do outro como indivíduo, causando sérios danos a vida de vítimas desses processos.

Ambos os conceitos, representações e estereótipos, tem como base os estudos de Stuart Hall e de seu livro “*Cultura e representação*”. A representação é vastamente utilizada em nossa sociedade: “Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. Entretanto esse é um processo longe de ser simples e direto” (HALL, 2016 p.36). Devido à grande variedade cultural, étnica e social em nosso planeta, cada cultura tem a sua forma de fazer uso da representação, isso altera também as formas de transmissão dessas informações.

O papel do estereótipo em nossa sociedade é tão forte que produz um *regime geral de significados*, que ajudam a decodificar o mundo, com isso a estereotipagem é uma prática de produção de significados (Hall, 2016). Os estereótipos afetam o nosso julgamento quanto o caráter de tal indivíduo e se devemos confiar ou desconfiar dele, como por exemplo, acreditar que um indivíduo irá furtar, roubar ou matar, pelo simples fato de ser negro. Além disto, traz como consequência negativa a redução em poucos traços das características de todos os sujeitos de um determinado grupo social, que no caso do trabalho, do grupo que se identifica como negro, por características que são exageradas ou simplificadas e ditas como parte da personalidade daquele indivíduo (Dyer apud Hall, 2016). Isto nos faz, muitas vezes, crer que certas atitudes são comuns a todas as pessoas que possuem esses traços e que suas atitudes são naturais e imutáveis. Para complementar essa ideia, Hall diz:

[...] Consideramos os efeitos essencialistas, reducionistas e naturalizadores da estereotipagem, que reduz as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza.”(HALL,2016 p.190).

Hall ainda apresenta três pontos para entendermos como ocorre o processo da estereotipagem. No primeiro ponto, ele desenvolve o conceito com base nos estudos de Richard Dyer e Alfred Schutz. Dyer (1977) faz uma distinção entre *tipificação* e *estereotipagem*, argumentando que sem a presença desses *tipos* seria muito complicado

encontrar sentido nas coisas. Para Dyer, produzimos sentido quando pensamos nos respectivos papéis que tal pessoa ocupa na sociedade e fazemos uma associação com os grupos ao qual ela pertence, de acordo com a classe, sexo, grupos etários, nacionalidade, “raça”, língua e orientação sexual.

Num segundo ponto, Hall traz a estereotipagem como uma separação entre *o normal e aceitável* do *anormal e inaceitável* através do que o autor chama de “*cisão*”. Outra função apresentada é o fato dela fazer uma manutenção social e simbólica e uma das práticas mais efetivas encontradas para fazer essa manutenção é a de *fechamento e exclusão* (HALL,2016), ou seja:

[...] Tipos são instâncias que indicam aqueles que vivem segundo as regras da sociedade (tipos sociais) e aqueles que as regras são delineadas para excluir(estereótipos). Por essa razão, os estereótipos também são rígidos que os tipos sociais (DYER apud HALL, 2016, p.191).

Quando denominamos que uma atitude é comum a todas as pessoas que vem de tal país ou nasceram em tal região, estamos criando regras em nossa mente para identificarmos tais indivíduos, o problema é quando esse “regramento” vem carregado de aspectos que julgamos como ruins ou passíveis de exclusão. Para a teórica Julia Kristeva, também citada por Hall (2016, p.192), tais grupos expulsos ou excluídos são considerados como “*abjetos*”, cujo significado em latim é, literalmente, “expulso”.

No terceiro e último ponto trazido por Hall, ele diz que “A estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder.”(HALL,2016) A estereotipagem atinge os grupos minoritários da sociedade e são eles que tendem a lutar contra as consequências negativas, já que esses estereótipos afetam sua vida na maioria dos campos de atividade daquela sociedade. Esse processo relaciona-se com o que Foucault denomina como “poder/conhecimento” do jogo, que classifica esses grupos dos excluídos como o “outro”. Foucault entende que o poder não existe na forma materializada, mas sim há relações de poder que fazem com que indivíduos se sintam no direito de disciplinar outros. Os mecanismos usados para manter esse poder atravessam relações sócio-políticas e econômicas e se constituem para que os indivíduos dominantes continuem com o poder, mesmo com mudanças sociais. (FERREIRINHA, 2010).

O fato de, muitas vezes, pessoas negras serem julgadas negras serem malvistas pela sociedade se deve a essa distorção essa manutenção dos mecanismos usados pelos

indivíduos dominantes e infelizmente distantes das representação que a própria identidade negra tem de si. Segundo Muniz Sodré:

Torna-se evidente que as representações identitárias do homem negro veiculadas pelos discursos hegemônicos na sociedade oficial brasileira não são as mesmas pelas quais sempre se reconheceu o indivíduo direta ou indiretamente articulado com as comunidades litúrgicas de origem africana (SODRÉ 1999, p.188).

Ou seja, há, na maioria das vezes, uma diferença da imagem do negro disseminada na maioria dos veículos de comunicação, principalmente, de mídia hegemônica, como nos livros infantis, por exemplo, daquela com a qual o individual identificado como negro se reconhece.

O polêmico conceito de minorias sociais, já criticado por alguns estudiosos, contempla duas naturezas de definição: A) Numérica, quando são minorias pelo menor número de representantes dentro da sociedade; ou b) Acesso de poder, quando os grupos podem até ser maiores numericamente, mas têm pouco acesso a mecanismo de poder, esses grupos podem ser étnicos ou ativistas (MELO, 2003). Estereótipo e discriminação quando aplicados às minorias não atingem apenas as pessoas físicas pertencentes ao grupo minoritário, mas também tudo que remete a esse grupo e tudo que faz parte de sua cultura, como os traços, costumes e hábitos.

Sodré (1999) elege características que colaboram para o entendimento do que seria uma minoria dentro de uma sociedade. Nesta perspectiva, o autor trabalha com características que se encaixam na segunda interpretação apresentada por Melo (2003). As definições de minoria para Muniz Sodré são: Vulnerabilidade social; Identidade in *statu nascendi*, a Luta contra hegemônica e estratégias discursivas. Por identidade in *statu nascendi*, Sodré (1999 p. 11) define que “[...]a minoria apresenta-se sempre in *statu nascendi*, isto é, na condição de uma entidade em formação que se alimenta da força e do ânimo dos estados nascentes. Mesmo quando já existe há muito tempo, a minoria vive desse eterno recomeço”.

Fazendo um link entre a característica de vulnerabilidade social e as estratégias discursivas citadas por Sodré, vamos destacar e frisar que quando parte do grupo hegemônico que se sensibiliza e apoia a luta das minorias, como, por exemplo, pessoas brancas que apoiam a luta antirracista, ao participarem de atos, passeatas e outros tipos de manifestações, na maioria das vezes, não recebem a mesma repressão por entidades de segurança, mesmo que estejam praticando as mesmas atitudes que o grupo minoritário.

Outro ponto importante é quanto as lutas que afetam mais de um grupo minoritário, como as lutas feministas. O que acontece é que, muitas vezes, o grupo que apresentar mais vulnerabilidade social recebe uma repressão maior ou mais violenta por parte de grupos contrários às manifestações feministas. A estereotipagem dentro de uma sociedade onde há um grupo hegemônico é utilizada para construir uma imagem desvalorizada dos grupos considerados inferiores. A busca por poder e por domínio de todos os campos de atividade se dá das formas mais cruéis e invasivas possíveis e é capaz de gerar grandes conflitos por supremacia que excluem os grupos que são base daquela sociedade.

Para colaborar no entendimento sobre como todos esses processos citados acima afetam a vida de pessoas negras, trago reflito a partir do conceito de racismo estrutural o conceito de racismo estrutural que é um dos elementos formadores da sociedade brasileira atual e que serve de base para diversas discriminações contra tudo que possui origem não branca.

2.2 Racismo estrutural brasileiro

Explicar e definir o que é racismo é uma tarefa difícil, visto que ele é extremamente complexo e permeia há séculos em nossa sociedade, afetando diversos indivíduos. Almeida (2018) apresenta o racismo por meio de três concepções: A individualista, institucional e estrutural, bem abordadas em seu livro “O que é racismo estrutural”. Sendo a concepção estrutural empregada neste trabalho.

Para Almeida (2018), o racismo individualista se define por meio de atitudes vistas como comportamentais, educacionais e pela falta de conscientização de alguns indivíduos, por vezes, é percebida na sociedade como uma forma frágil e rasa de se lidar com o racismo, pois o racismo nessa concepção é diagnosticado como uma “*patologia*” (Almeida, 2018). É nessa concepção que a atitude racista do indivíduo é entendida apenas como preconceito e usada para justificar um comportamento como sendo algo de natureza psicológica e não política. Nas concepções individualistas do racismo há uma resistência muito forte em acusar um indivíduo de ser racista quando sua atitude vem ancorada a alguma brincadeira ou fala descontraída, pois acredita-se que sujeitos racistas são apenas aqueles que escrachadamente não respeitam pessoas negras ou que tal atitude é isolada e justificada pelo fato da pessoa ser mau caráter.

O uso e estudo das concepções institucionais do racismo são um grande avanço nas discussões sobre as relações raciais, pois admite-se que o racismo está no

funcionamento das instituições, sejam elas públicas ou privadas (Almeida, 2018). É o início da quebra da lógica imposta pelo racismo individualista, pois demonstra que, nos espaços existentes dentro de uma sociedade hegemônica que tem brancos como grupo dominante, o racismo impera e exclui os indivíduos não brancos e isso vale para todos pertencentes a esse grupo, não apenas os que isoladamente praticam racismo, pois os demais compactuam com a atitude vista e a instituição não possui uma estrutura confortável para que pessoas oprimidas racialmente reivindiquem seus direitos e sintam-se à vontade para denunciar tal prática. Para Almeida (2018):

“Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos” (ALMEIDA, 2018, p.30)

Na última concepção colocada por Silvio Almeida, denominamos o racismo de estrutural, pois as opressões de cunho racista são extremamente normalizadas, ao ponto de serem justificadas como sendo algo que já se encontra enraizado dentro da sociedade e que, por esse motivo, torna-se difícil e por vezes impossíveis de mudar (Almeida, 2018). Em seu livro, o autor discorre uma frase que faz muito sentido e nos ajudará a entender a importância dos estudos sobre essa concepção “*De modo mais direto: as institucionais são racistas porque a sociedade é racista*” (ALMEIDA, 2018 p.36).

Tomamos como exemplo o ato racista contra o comediante Yuri Marçal¹, que se viu ameaçado por motorista de aplicativo. O fato de o motorista se sentir no direito de ameaçar um cliente, com uso de arma de fogo, pelo fato do mesmo ser um homem negro, diz muito sobre a forma que estruturalmente os homens negros são vistos dentro da sociedade. Percepção que faz com que a sua presença traga insegurança e faz com que pessoas julguem que aquele homem irá cometer crimes, como assaltos. Muitas pessoas justificam esse pensamento por já terem sido assaltadas por homens negros, seja assaltos violentos com uso de armas ou pequenos furtos, mas esse pensamento é injustificável,

¹Yuri Marçal é comediante carioca, que logo após sair de um show na cidade de Porto Alegre -RS, no dia 28 de maio de 2019, às 21h46, solicitou um carro através do aplicativo UBER, seu destino era rumo a cidade de Farroupilha, após a chegada do carro e a entrada de Yuri dentro do veículo viu-se ameaçado pelo motorista do aplicativo, que discorreu a seguinte frase: “Não fique atrás de mim senão vou ter que dar um tiro por questões de segurança”. Link da notícia: <https://mundonegro.inf.br/vou-ter-que-te-dar-um-tiro-motorista-de-uber-ameaca-yuri-marcal-em-porto-alegre/>

pois os motivos que levam uma pessoa a cometer crimes vão além da cor da sua pele e são motivados por ações antes postas pelo próprio grupo hegemônico.

Pelo racismo encontrar-se em um nível estrutural não significa que seu combate deva ser encerrado ou que atos discriminatórios devam ser perdoados e aceitos por parte do grupo oprimido (ALMEIDA, 2018). Nem mesmo as penas jurídicas impostas para pessoas que cometem esse crime são suficientes, quem dirá a aceitação dessas práticas sem a devida responsabilização dos praticantes. Devemos buscar soluções para desenraizar essas práticas e não deixar que se normalizem ainda mais. Para Almeida (2018, p.39):

O que queremos enfatizar no ponto de vista teórico é o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. (ALMEIDA 2018, p.39).

O racismo estrutural no Brasil se desenvolve desde antes do início do período escravocrata e continua a existir mesmo quando pessoas negras foram enfim “libertadas”² e indígenas terem terras destinadas. E mesmo após esse períodos ainda estamos, praticamente, com a mesma estrutura social construída a partir da sua servidão e exploração, pois essa estrutura é tão grave e forte que coloca os descendentes dos africanos escravizados na mesma posição que seus ancestrais quando foram sequestrados e trazidos para o Brasil, ou seja, a abolição foi dada apenas no papel, pois a única mudança existente foi no tempo e no tipo de servidão.

2.3 O papel dos meios de comunicação na representação de pessoas negras.

Em 1930, nos meios de comunicação como rádio e cinema, eram consideradas as formas mais eficazes de levar conhecimento para as camadas populares, enquanto produtos como livro, continuavam limitados a elite, que detinha a alfabetização, com isso muitos avanços não chegavam as classes populares. A população negra, que compunha majoritariamente essas camadas, tão pouco tinha acesso e quando tinha acesso, não havia representatividade e quando se via era de maneira distorcida e generalizada. O que acontece em nosso país é uma interiorização, apagamento e apropriação de culturas como

² É importante destacar o uso do termo “falsa abolição” para referir-se à “libertação” dos negros em 1888. O processo é considerado falso, pois a estrutura da sociedade brasileira se mantém a mesma da vivida nos séculos de escravidão, onde a maior parte da população negra encontra-se em condições trabalhistas e de vida muito abaixo de grupos étnicos brancos. Que mesmo após a assinatura da Lei Áurea, não recebeu auxílio para ter uma vida digna, tendo que morar em locais inapropriado e trabalhos, precários e por vezes desumanos.

negra e de outras minorias e constante generalização de suas práticas, assim se ignora toda a heterogeneidade de cada povo. O mesmo não acontece com a cultura vinda de países europeus, que é constantemente valorizada, engrandecida e idealizada.

A mídia de massa durante séculos esteve, apenas nas mãos de grupos hegemônicos, estes são responsáveis por apresentar um modelo de sociedade que não coloca as minorias como a parte importante dessa sociedade. A população negra começa a ter espaço dentro da mídia após anos de luta por representatividade, a qual ainda é escassa para outros grupos como os indígenas. Para identificar e combater o racismo é preciso entender a sua atuação em diferentes áreas da sociedade, mas sem deixarmos de analisar pela perspectiva estrutural.

Machado (2013) relembra o conceito de racismo midiático, trazido por Muniz Sodré, que trata da forma como a mídia reforça e cria suas formas de oprimir a população negra, sobretudo, para reafirmar o discurso hegemônico e contribuir com estratégias para impedir a ascensão e denúncias das perversidades praticadas por esse grupo com a identidade do negro. Durante a graduação de comunicação social, aprendemos sobre a influência da mídia na sociedade e do poder que possui na vida e no pensamento das pessoas, com isso temos o dever de combater práticas racistas e não reproduzir as que ainda são apresentadas. Por essa razão, conhecer as estruturas e dinâmicas que conformam o racismo midiático é essencial para desconstruir os estereótipos e, ao mesmo passo, construir outros tipos de representações midiáticas que contribuam para a luta antirracista. SODRÉ (1998) enumera fatores que nos ajudam a entendermos como a mídia é uma das áreas onde percebemos as práticas racistas.

1) Negação, quando a mídia tenta negar a existência do racismo, apesar de noticiar casos de violação e flagrantes; *2) O recalcamento*, quando a história do negro no Brasil ou nas Américas não é divulgada de forma positiva *3) a Estigmatização*, quando a mídia cria estereótipos que levam à discriminação; *4) a indiferença profissional*, quando a desvalorização-profissional e cultural- de comunicadores(as) negros(as) atinge a mídia. (SODRÉ 1998 apud MACHADO, 2013, p.114)

Identificar esses fatores nas produções midiáticas e perceber o racismo impregnado neles torna-se difícil no momento em que os mesmos surgem em conjunto com a questão de classe, quando esta acaba sendo colocada como o fator principal em detrimento da raça. Dentro da literatura infantil, temos recorrentemente o estereótipo do negro e da negra boazinha, que serve para abafar todo o processo histórico cruel que,

muitas vezes, percebemos nas relações interracialias. É compreensível que para o desenvolvimento infantil certas questões não serão bem assimiladas e não seriam as ideais para o seu desenvolvimento, principalmente, nos anos iniciais, mas não problematizar e ignorar esse processo cria a ilusão da existência de uma democracia racial, em especial, para crianças brancas.

Nas histórias infantis, os personagens negros vistos como “legais” e bondosos são, em sua maioria, o que estão sempre dispostos a colaborar com as pessoas e cedem aos pedidos dos personagens brancos, mesmo que essas tarefas e atitudes remetam à servidão. Já os personagens que não se enquadram nesse ideal, são vistos como maldosos, rancorosos e vingativos. Lembrando que isso vale também para os elementos, traços e costumes da cultura afro-brasileira, que, constantemente, são representados como algo ruim, inferior e que não merecem ser valorizados. Os estereótipos trazidos pelos produtos comunicacionais, impostos sobre os elementos das culturas negras, mostram, com frequência, aspectos considerados negativos, que aliado ao conceito sobre negação (SODRÉ,1999), caracterizam uma mídia que esconde toda opressão sofrida por esses grupos étnicos. O problema não é mostrar os aspectos negativos, mas sim mostrar somente esses pontos como se fossem os únicos.

Nesse subcapítulo, abordamos alguns exemplos de representações de personagens negros e as formas que foram construídas. Eles são usados constantemente nas telenovelas, filmes ou séries e demoraram anos para serem mudados e substituídos por representações mais próximas da diversidade que é ser uma pessoa negra.

O autor Joel Zito de Araújo (2000), em seu livro “*Negação do Brasil, o negro na telenovela brasileira*”, elenca estereótipos da cultura negra. Dos estereótipos elencados pelo autor, o primeiro deles é o “*mulato trágico*”, em que retrata uma pessoa negra de bem com a vida, *simpática, vítimas de uma herança racial herdada*, nos enredos das produções seu final é sempre retratado de maneira trágica por conta da sua astúcia em ultrapassar a *linha de cor*. Esse estereótipo também é muito usado pela televisão norte americana para referir-se às “*mulatas*”, quando a personagem se envolvia e seduzia homens brancos e no final acabava no fracasso. A comédia também sempre esteve presente na representação estereotipada de pessoas negras que tinham vida constantemente ridicularizada. Araújo exemplifica:

A diferença é que, o rádio, os personagens de *Amos n Andy*, Kinglish e “seus amigos ruins” eram interpretados por brancos falando em dialeto negro rural, cheio de apropriações e más pronúncias. Mas a televisão manteve os mesmos estereótipos e clichês de homens e mulheres preguiçosos e oportunistas. (ARAÚJO, 2004, p. 59)

Esses dois estereótipos citados, do “*mulato trágico*” e da *mulata trágica*”, ilustram a imagem do negro que destoa do que o grupo hegemônico determina e impõe para essa minoria. Dentro do cinema norte americano temos cinco estereótipos, categorizados pelo autor Donald Bogle, sobre vidas negras. O estudo ficou muito conhecido e é empregado por outros autores como Stuart Hall, esses estereótipos não ficaram apenas no cinema norte americano, como mostra o autor Joel Zito Araújo (2004), mas estão presentes também na telenovela brasileira, onde são identificados a presença de negro nesses veículos. Os estereótipos encontrados por seu estudo são: os *toms* ou *Pai Tomás*, que traz a ideia do bom negro, que mesmo maltratado não deixa de servir aos brancos; *coons* ou os *pequeninos*: de olhos arregalados, criaturas ditas como subumanas, preguiçosas, saqueadoras e que cometem erros linguísticos. *Mulattes* ou *mulata trágica*, geralmente, interpretada por uma negra de pele clara que sensualiza e seduz homens brancos, mas acaba tendo um triste fim por ter uma herança negra; *mammies* ou *mães pretas*: traz a ideia da boa negra, sempre disposta a fazer de tudo pela família branca ao qual ela trabalha e *bucks* ou mal encarados: são homens grandes “agressivos e cheios de fúria negra” “*supersexuais e selvagens*” HALL(2016). Alguns desses estereótipos são tratados e aprofundados na análise.

É importante frisar que as discriminações institucionais e o genocídio de pessoas negras continuam. A mídia é mais uma instituição responsável pela manutenção dessas discriminações, oriundas da estrutura racista. Todavia, devido a ação dos movimentos negros, antirracistas e que buscam a valorização das identidades negras, percebe-se uma mudança nas representações da cultura negra na mídia. Trabalhos como o da autora Elisa Lucinda, com a obra *A menina transparente*; *História* que valorizam práticas afro brasileiras como os livros ‘*Omo Oba-Histórias de princesas, o mundo no Black Power* de Tayó, de Kiusam de Oliveira; e Edimilson de Almeida Pereira, com a obra “*Os reizinhos de Congo*”; contribuem para permitir às crianças negras uma leitura com representatividade e não carregada de estigmas sobre seu povo. O papel de autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus é importantíssimo para formação infantil. O papel de uma educação antirracista nesse processo pode ser entendido pela citação de SOUSA, (2018).

“É fundamental a necessidade da primeira etapa, a Educação Infantil, trabalhar desde cedo esta temática dentro da escola. O sistema educacional tem a função de desconstruir os estereótipos da sociedade, e o dever de buscar a igualdade de tratamento e oportunidade para todos” (SOUSA, 2018, p.5).

Nesse processo, inclui também a retirada ou constante problematização de obras que trazem esses estereótipos, pois como vimos há diversos autores que podem suprir essa demanda por leituras cheias de criatividade e fantasia para crianças.

3. Percursos metodológicos

Para guiar os objetivos, solucionar a problemática da pesquisa e permitir que a análise seja desenvolvida, trabalhamos com metodologias e técnicas combinadas. As metodologias escolhidas para a análise foram: a análise de conteúdo, pesquisa documental e bibliográfica. A seguir temos a explicação de cada uma e de como foram empregadas nas diferentes etapas do trabalho.

Pesquisa bibliográfica foi aplicada na etapa inicial do projeto, onde busquei trabalhos que dialogam com os objetivos iniciais, os quais em conjunto com a problemática foram elencados um semestre antes do início oficial, a partir da disciplina de Métodos e técnicas em comunicação 2 ou “Pré-TCC” (Trabalho de conclusão de curso), como é comumente chamada a disciplina ofertada no 6 semestre dos cursos de Comunicação Social da UFSM. A pesquisa bibliográfica é explicada por dois sentidos, um mais amplo e outro restrito, STUMPF (2009) argumenta que:

“Num sentido amplo, é o planejamento geral da pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação e um texto sistematizado[...]. Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográfica, selecionar documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação e um trabalho acadêmico”. (STUMPF, 2009, p. 51)

A pesquisa bibliográfica e teórica feita no início do projeto teve como objetivo realizar o mapeamento dos trabalhos já produzidos sobre o tema e delimitar quais fontes seriam os guias para desenvolvimento do projeto. Na pesquisa sobre o autor não foi difícil encontrar matérias sobre ele e suas obras, já que Lobato é um dos escritores mais conhecidos da literatura brasileira, em especial, do universo infantil. Durante o mapeamento desempenhei buscas em sebos, sites e bibliotecas online. Nas buscas foram

facilmente encontrados trabalhos, artigos e reportagens sobre o autor e a obra “*O sítio do Picapau Amarelo*” e sobre a polêmica acerca dos seus escritos. No levantamento para buscar referência de trabalhos já feitos sobre o tema, destacam-se duas pesquisas, ambas possuem o caminho que pretendo seguir na análise e servirão como base para não repetir o que o já foi produzido. Os trabalhos escolhidos são: “A representação do negro nas obras infantis de Monteiro Lobato”, escrita por Jacqueline Silva (2009), trabalho defendido no bacharelado em Pedagogia da Faculdade Regional da Bahia. E uma dissertação intitulada “As ideias raciais na obra de Monteiro Lobato: Ficção e não ficção”, escrita por Rafael Fúculo Porciúncula (UFPEL-2014), dissertação defendida na Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras e Comunicação da UFPEL.

A monografia de Miranda (2009) tem como objetivo propor uma discussão sobre as representações do negro nas obras de Lobato. A pesquisadora faz críticas sobre a insuficiência de personagens negros e da forma como as que existem são representadas, criticando os estereótipos que oferecem uma imagem negativa de pessoas negras e como essas representações não mudam no decorrer do século. Para isso, a autora escolhe três obras que compõem o Sítio do Picapau Amarelo, sempre contextualizando e refletindo sobre o tema. Além disso, há um espaço para refletir sobre o papel da literatura infantil na construção de identidades na sociedade contemporânea.

A dissertação de Porciúncula (2014) faz uma comparação entre as ideias do autor a respeito das questões étnico-raciais e a influência acerca das representações culturais do negro no Brasil e das relações entre as personagens negras com as personagens brancas contidas nas obras de Monteiro Lobato. A dissertação reflete sobre como que a “questão de época” não deve servir como passe livre para o racismo contido na obra Sítio do Picapau Amarelo. Os dois trabalhos foram referência para elaboração da análise desta pesquisa em relação as obras de Monteiro Lobato, já que ambas possuem o foco em questões étnico-raciais das produções, mas buscam uma visão geral sobre o preconceito nas obras, fazendo uso de elementos retirados das próprias histórias, tais como frases, palavras e personagens.

Em relação à pesquisa sobre as relações étnico raciais, usei como referência autores do Brasil pós-abolicionistas, época em que Monteiro Lobato viveu e publicou suas obras. A prioridade foi para autores negros que possuem materiais críticos sobre a temática Brasil e sobre a presença e não presença do negro na literatura. Autores que já produziram trabalhos prestigiados e que influenciam gerações que trabalham sobre a

temática, como Joel Zito Araújo, Lilia Moritz Schwartz e Silvio Almeida, que trazem esse debate sobre racismo estrutural de forma didática. Além de pesquisadores que são referência no debate sobre raça e racismo, em outros contextos, como é caso de Stuart Hall e Homi Bhabha.

Logo após o avanço da pesquisa bibliográfica, iniciei a análise documental. Nesta etapa, foi feito um levantamento de dados, como a busca por documentos do autor, registros de suas obras e de sua editora. O objetivo dessa análise foi elencar quais obras escritas por Lobato serviriam para o trabalho e como localizá-las, quanto a vida do autor pretendia entender qual a sua influência em nossa sociedade. As bibliotecas e acervos particulares específicos sobre o tema que queremos pesquisar nem sempre se localizam próximo aos locais que vivemos, mas que representam um grande valor, o acesso a eles se torna um desafio para a(o) pesquisadora(o), se o seu acesso é restrito DUARTE (2009). Os dados adquiridos foram de fontes tanto primárias quanto secundárias. Dentro das pesquisas e da possibilidade de acesso às obras e ao autor, tive acesso a bibliotecas, acervos e obras do mesmo. A fonte primária de dados foi a Biblioteca infantil de Monteiro Lobato, localizada em São Paulo, capital, Vila Buarque. Nela, tive acesso a dados primários como originais, cartas, primeira edição de suas obras, as roupas e materiais usados pelo autor em vida. A visitação e a viagem contribuíram para entender como a imagem de Lobato é construída e como é preservada na atualidade. Muitas informações relevantes foram encontradas, como a cidade que possui o nome em homenagem ao autor, o município Monteiro Lobato, que recebeu esse nome em 1948, ano da morte do autor. Segundo o site da Câmara municipal, o autor foi proprietário de uma fazenda no local, localizada no Vale da Paraíba. Caso a visitação a cidade Monteiro Lobato acontecesse, possivelmente, o acesso a dados primários seria maior e aos dados secundários também. A análise documental busca dividir seus dados em fontes primárias e secundárias que, segundo DUARTE, são definidas como:

As fontes da análise documental frequentemente são de origem secundária, ou seja, constituem conhecimento, dados ou informações já reunidos ou organizados. São fontes secundárias mídia impressa(jornais, revistas, boletins, almanaques, catálogos) e a eletrônica(gravações magnéticas de som e vídeo, gravações digitais de áudio e imagem) e relatórios técnicos.[...] No âmbito da análise documental, o pesquisador pode depara-se também com material de fonte primária: pertencem a essa categoria escritos pessoais; cartas particulares; documentos oficiais; textos legais; documentos internos de empresas e instituições. (DUARTE, 2009, p. 272)

No caso deste trabalho, o acervo da biblioteca infantil de Monteiro Lobato foi a fonte primária e as cartas disponíveis online, enquanto livros, fotografias e entrevistas constituem os dados secundários.



Figura 2. Imagens da Biblioteca infantil do Monteiro Lobato, localizada em São Paulo. Fonte: Imagem própria

Em 26 de fevereiro de 2019, 2019

Como já explicamos no trabalho, a pesquisa bibliográfica é utilizada em todo processo da pesquisa e a análise documental não contempla sozinha as necessidades de uma produção acadêmica. Portanto, para esse trabalho conto também com a análise de conteúdo, método importantíssimo no campo comunicacional. Entende-se por análise conteúdo “refere-se a um método das ciências humanas e sociais de destinados à investigação e fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”

(MOREIRA, 2009, p. 280). Esse processo passou a ser híbrido após passar por críticas, fazendo uso de elementos quantitativos e qualitativos, como é caso deste trabalho que se utiliza, majoritariamente, de elementos qualitativos e na repetição de alguns, como é caso de palavras como preta/negra, negro/preto. “Outro aspecto importante se dê às propostas de utilização desse método em parceria com outras técnicas de investigação” (DUARTE, 2009, p.285). Outra característica é a categorização se estrutura em cinco etapas: A organização da análise se dá a partir da codificação, a categorização, a inferência e o tratamento informático, definido pela autora (BARDIN 1977 P. 280). Durante o processo de construção do trabalho foram elencadas categorias de análise, juntamente com o que chamamos de eixos de análise, ambos os processos fizeram uso de dados qualitativos e quantitativos presentes nos livros. As categorias e apresentação dos personagens negros serão explicadas a seguir, enquanto o critério de escolha e resumo dos livros localizam-se no capítulo de análise da monografia.

A categoria “construção dos personagens negros e suas representações” pretende analisar e categorizar como são feitas as construções das três personagens negras presentes na obra, seja através de suas características físicas, vestimentas, adjetivação, descrição de suas atitudes. Os elementos que são usados na construção de Tia Nastácia, Tio Barnabé e Saci, colaboram para entendermos os objetivos que a sua representação possui na história, assim como na investigação se há ou não problemas na sua representação. Já a segunda categoria aprofunda as análises das relações entre os personagens, sejam entre personagens negros e entre negros e brancos, a fim de entender como as relações não são igualitárias e tendem a insinuar uma certa hierarquia e se nessa hierarquização o negro encontra-se como inferior e o branco como superior. Além disso, vamos analisar como são as relações trabalhistas na obra, por entendermos que personagens como Tia Nastácia e Tio Barnabé são trabalhadores no Sítio do Picapau Amarelo. Também consideramos os ambientes e cenários em que as personagens são descritas, as relações que estabelecem com as pessoas brancas e com outras pessoas negras.

Outra categoria elencada foi a inferiorização do negro e da cultura do povo: por muitos séculos a demonização de tudo que possui origem negra/africana foi utilizada para justificar as atrocidades do período escravocrata, por entendermos que a obra foi escrita em uma época em que se buscava uma identidade nacional. Nela serão analisados a forma

como os personagens brancos tratam e se relacionam com elementos da cultura negra, com a cultura do povo e com os personagens que carregam esses elementos.

Houve o auxílio do que denominamos como eixos de análise, que são trechos da obra que não se encaixavam em nenhuma categoria, mas que são importantíssimos na compreensão da problemática da pesquisa. Sendo eles: Referências ao período escravocrata, visto que estamos com posse de uma obra dos períodos pós abolição e muitas obras nessa época eram escritas por autores que viveram sua infância nesse período. Outro eixo elencado foi o uso da palavra negra e preta, definido pela sua constante aparição na obra por, muitas vezes, ser empregada de forma pejorativa ou reducionista.

No próximo capítulo, busquei contextualizar a realidade do negro no período em que se passa a obra e informações relevantes sobre o autor e editor Monteiro Lobato.

4 CONTEXTO HISTÓRICO, O AUTOR E EDITOR MONTEIRO LOBATO

Neste capítulo, iremos fazer uma breve contextualização da época em que foi escrita a obra e a situação trabalhista da população negra brasileira, buscaremos, também, saber mais sobre o homem que escreveu, editou e publicou os livros que compõem a obra “*O Sítio do Picapau*”, dando enfoque nos pensamentos raciais expressados por ele e sobre suas contribuições para a editoração.

4.1 Contextualização histórica da obra e do trabalhador negro no século XX

O período histórico em que os livros foram escritos é concomitante aos anos em que a produção artística e científica do país tem um crescimento significativo, mas que os lucros, a produção e o destinatário desse crescimento se concentraram na elite. Devido ao tamanho do território brasileiro, iremos concentrar nossa contextualização ao estado de São Paulo, local onde Lobato viveu e que foi e ainda é um polo de desenvolvimento do país e onde se localiza o Vale da Paraíba, local onde se situa a fazenda que é provável que tenha servido de inspiração para a construção do Sítio do Picapau amarelo. Um dos pontos importantes e relevantes para o trabalho, na retomada dessa época, é a busca por uma identidade nacional, a qual impactou em vários campos sociais do país.

A assinatura da abolição, em 1888, pela princesa Isabel, prometia pôr fim a escravidão do país, mas o grande objetivo dessa assinatura não era a libertação de seus escravizados, afinal isso seria o fim da mão de obra de superexploração de vários senhores de escravo, o objetivo era a prometida modernização do país. Dessa forma, o Brasil foi um dos países que não concedeu suporte aos escravizados que, após o fim da escravidão legal, os ex escravizados e, então libertos, não receberam amparo necessário do governo da época e foram obrigados a migrar para áreas que ainda não eram próprias para moradia³ ou voltar as fazendas e se submeter a estrutura trabalhista do período escravocrata. Essa falsa⁴ erradicação da escravidão era benéfica, tanto para os que eram contra o processo de abolição quanto para os abolicionistas, que mesmo apoiando a soltura dos escravizados não queriam a total liberdade deles, já que achavam sensato os negros seguirem na

³ Processo de formação dos Morros e favelas.

⁴ A escravidão é, sem dúvidas, vista de maneira negativa, mas não só ela. Também a abolição, dado o discurso de um caráter contínuo e não interrompido da opressão sofrida pelos negros ao longo da história, é questionada (CANTON, 2009 p.7)

subalternidade como motivo de agradecimento aos senhores abolicionistas que lutaram ao seu lado.

No início do século XX, houve um forte avanço do capitalismo, urbanização e industrialização no país, o que teoricamente contribuiria para o aumento de empregos entre a população negra e oportunizaria a esses libertos uma vida digna com trabalho livre e valorizado, mas isto não se confirmou, o que ocorreu foi o contrário e ainda mais perverso, já que um dos planos de desenvolvimento do país era clarear a população e “higienizá-la”. A questão trabalhista também foi atingida pelo processo de branqueamento, fazendo com que, ao invés de empregar os ex escravizados, fosse preferível incentivar a vinda de imigrantes brancos para o país.

Após a assinatura da Lei Áurea, a experiência de ex-escravizados e afrodescendentes paulistanos foi marcada por grandes desafios: de um lado, diversas expectativas de inserção social foram frustradas; de outro, em uma cidade cada vez mais branqueada pela vinda de italianos, portugueses, espanhóis, alemães, franceses e mais uma infinidade de estrangeiros, a concorrência no mercado de trabalho e os conflitos étnico raciais acabariam por moldar uma situação de exclusão do negro de boa parte das atividades produtivas disponíveis. (ROCHA, 2013, p.6)

Ou seja, a questão de desemprego estrutural que temos atualmente no país é uma das consequências desse processo, que prejudicou o desenvolvimento econômico da população negra. Outra ideia criada nessa época, que permeia até a atualidade, é o racismo praticado por instituições públicas e privadas que segregam pela cor seus entrevistados. Ultimamente há uma grande denúncia sobre essa prática em empresas e a solução encontrada e conquistada pelo movimento negro e outros movimentos sociais, para os casos de pessoas que sofrem pela prática do capacitismo, foi a da obrigatoriedade de as empresas contratarem alguma minoria, além da inserção de cotas para concursos públicos.

Retomando o período em que a obra foi publicada e comparando com a retratação do Sítio, observamos a vida de Tia Nastácia e Tio Barnabé que são trabalhadores e vivem na fazenda próxima a cidade de São Paulo, assim se torna viável perceber algumas questões trabalhistas que reproduzem a época, a Tia Nastácia é no trabalho doméstico e Tio Barnabé mora lá, também, com sua família. No caso do Sítio, não se configura como uma propriedade produtora, segundo os livros lidos, Barnabé e Nastácia, faziam parte do

percentual de negros que ficavam nas fazendas com trabalho doméstico, diferentes de muitos migrantes negros que mudaram de região a fim de trabalhar nas lavouras de café.

4.2 Monteiro Lobato, autor.

José Bento Renato Monteiro Lobato, foi escritor, editor, advogado e criador da obra *O Sítio do Picapau Amarelo*, nascido em 1882, em uma fazenda de Taubaté, São Paulo. Entrou para Academia de Direito de São Paulo, durante o curso o autor morava em um pequeno chalé amarelo com outros jovens que formavam um grupo intitulado por eles próprios como “Cenáculo” e, assim como boa parte dos filhos dos burgueses da época, estavam na Academia para satisfazer as vontades dos pais (NEVES, 1948). Com o passar dos anos, Lobato carregava consigo o que podemos chamar de “trauma” ortográfico, que o fez não olhar com bons olhos as regras gramaticais da Língua Portuguesa aprendidas na escola. Quando mais novo foi reprovado após a realização de um exame de Português, mesmo tendo certeza que sairia melhor que seus colegas. Dessa forma, Lobato criou uma grande *ojeriza* pela gramática e pelos gramáticos (NEVES, 1948). Mesmo assim, ele participava do grupo, as atividades feitas pelos jovens burgueses, dentro do chalé, são descritas por Neves:

Vivíamos a vida mais absurda do mundo — sonhando — inteiramente alheios às realidades envolventes — a ouvirmos Ricardo dizer versos como ninguém jamais os dirá»[...]

Essa boêmia literária, característica tipicamente pequeno burguesa, e que infelizmente até hoje perdura em certos setores da nossa sociedade, era o traço dominante da vida dos hóspedes do «Minarete» (NEVES, 1948, p.268).

Lobato formou-se em 1904 e após alguns anos foi nomeado promotor de uma pequena cidade do Vale da Paraíba, onde pode dedicar-se mais ao seu gosto pela literatura, pois como sabemos em cidades pequenas os casos que precisam de intervenção da justiça são menores. A vida que levava na pequena cidade de Areias, afluía a sua escrita e a estimulava cada vez mais a criatividade do autor, podemos supor que graças a esse estilo de vida que ele conseguia acessar as lembranças da sua infância, já que ela foi a grande inspiradora de suas obras infantis, mesmas que usava para depositar todas as fantasias que tinha na infância e que não conseguiu concretizar.

Passados anos na cidade, onde casou-se e herdou de seu avô, Visconde de Tremembé, uma extensa área de fazenda. Grande parte dos relatos sobre a vida do autor

na fazenda estão nas cartas enviadas ao seu amigo Godofredo Rangel, que viveu com ele nos anos de faculdade. Nas cartas, Lobato falava das atividades realizadas no campo e de suas experiências nessa nova fase de sua vida, que é marcada pelo desenvolvimento da obra *Urupês*, conhecida por retratar a vida de um homem do campo, a qual mais tarde originou o personagem Jeca Tatu, ele relata ao amigo a sua “teoria” e as expectativas da obra:

Jeca Tatu não surgiu de nenhuma inspiração repentina. Foi elaborado num lento processo do subconsciente, vagaroso como um carro de boi, concebido como o próprio Lobato sem querer definiu: Rangel — não sei como vai ser essa obra. Talvez romance. Talvez uma série de contos e coisas com uma *idéia* central... Já te escrevi sobre isto: e se a *idéia* volta e insiste é que de fato está se gestando bem vi vinha e será parida no tempo próprio». A *idéia* voltou e insistiu muitas vezes, no período que vai de 1912 a 1914. Quase *tôdas* as cartas de Lobato a Rangel escritas nessa época faz referência ao que Lobato chamava a sua «teoria do caboclo»: «Já te expus a minha teoria do caboclo, como o piolho da terra, o *Porriço decalvans* das terras virgens?» (NEVES, 1948, p.266).

Daremos certa importância para esses contos e para a figura do caboclo, nessa parte do trabalho, pois eles contêm ideias que possivelmente são baseadas em preconceitos de Lobato. Para isso, teremos como referência algumas análises feitas das obras e da repercussão que as mesmas obtiveram na época, de preferência, *Urupês* que traz pontos importantes para análise dos *pensamentos raciais* do autor. “*Urupês foi uma crítica ao modelo camponês desatualizado e resistente à modernização do campo*” (MIRANDA, 2009, p. 27) enquanto *velha praga* foi motivada pelas queimadas nas fazendas. As e os autores utilizados para o trabalho nos apresentam uma síntese do pensamento expressado pelo autor nos textos enviados a Estado de São Paulo em relação ao caboclo⁵ e a Jeca Tatu:

⁵ Termo *caboclo* usado no discurso coloquial não se refere exclusivamente a um grupo social, nem corresponde a um grupo étnico. De acordo com Barth (1969: 13), os traços críticos para a definição de um grupo étnico são autodenominação e denominação pelos outros. Seguindo a definição de Barth, nem mesmo a população dos ameríndios assentados a que se chamou de caboclos durante os tempos coloniais poderia ser considerada um grupo étnico. Embora esses primeiros caboclos fossem claramente distintos dos europeus a partir de uma base étnica, eles não constituíram um grupo político nem possuíram uma identidade coletiva. O fato do caboclo não ser um termo de autodesignação está relacionado, em primeiro lugar, com a conotação pejorativa do termo e o significado de “índio domesticado” (e não o de uma raça cruzada entre branco e índio), que ele transmite entre a população rural. Quando caboclo é usado por certos grupos ameríndios como termo de autodesignação, a conotação pejorativa está subentendida (LIMA 2009 p.21).

Segundo o escritor, tais acontecimentos são resultantes da presença do —caboclo na montanha, o qual é classificado como sendo —um parasita, um piolho da terra, peculiar a ela como o Argas o é aos galinheiros ou o “*Sarcoptes mutaus*” a perna das aves domésticas (LOBATO, 2008b, p. 160 apud PORCIÚNCULA 2014, p. 93).

As análises feitas dos escritos de Lobato mostram como o autor possuía opiniões profundas sobre as consequências da miscigenação no Brasil e como, para ele e demais intelectuais da época, ela está relacionada ao atraso do país. “O nascimento do caboclo é apresentado a partir da ocorrência de um processo ritualístico relacionado ora a uma cultura africana ora a uma cultura de base cristã” (PORCIÚNCULA, 2014, p.97). Em sua análise, Porciúncula ainda demonstra uma comparação que o autor faz entre o “mulato” e o “caboclo”, em que o mulato herda as características “*ricas de atavismos estético*” em junção com “selvageria” “alegria “e a “sanidade” do negro.

Diferentemente do negro, o caboclo é representado como —semi - selvagem e, provavelmente, a utilização do prefixo seja justificada pela presença do sangue branco em suas veias, o que lhe privaria da selvageria total. Não obstante, essa presença não foi capaz de gerar os mesmos benefícios transferidos ao mulato no processo de miscigenação[...] assim, o caboclo é tido como racialmente inferior, por sua indolência e conformidade com as adversidades e por sua cultura alheia a qualquer forma de progresso: tudo isso permeado por uma inevitável perfuração genética.” (PORCIÚNCULA, 2014, p.99).

Após esse reconhecimento das generalizações malfeitas aos chamados *caboclo*. A forma como o personagem Jeca Tatu generalizou a classe de trabalhadores do campo foi perpetuada durante anos. Lobato reconheceu, anos depois, que sua criação retrata de forma errônea e prejudicial a vida desses trabalhadores, causando danos a sua imagem na sociedade.

Anos depois, Lobato escreve uma carta com pedido de desculpas ao personagem, nela o autor reconhece que a “ruindade” do caboclo era causada por uma doença e nesse ponto vemos a ambiguidade nas declarações do autor. Então, Monteiro lobato não pode ser visto como um homem preconceituoso já que ele se redimiou e admitiu que errou? Para sanar essa dúvida teremos que retomar o conceito de racismo estrutural, já explicado no trabalho, que explica o racismo como um fenômeno não só individual como também parte da estruturante da sociedade. Nesse caso, o autor recebeu aval de uma parte da sociedade,

que aceitou as generalizações impostas em Jeca Tatu. Não podemos ignorar o fato de que, provavelmente, os trabalhadores rurais empregados das grandes fazendas sofreram com essas generalizações, assim como pessoas negras sofrem com a forma generalizada que a mídia representa a vida da população negra.

Há relatos que, no teatro, o caboclo era representado de forma cômica: “O caipira estilizado das palhaçadas teatrais fez que [sic] o Brasil nunca pusesse tento nos milhões de pobres criaturas humanas residuais e sub-raciais que abarrotam o Interior” (PORCIÚNCULA, 2014) e até são comparados a *enfeites de jardim*. Mas o fato de o autor ter recebido esse aval de parte da sociedade não significa que está isento de ser acusado de preconceituoso. O estudo de caso feito por Porciúncula (2014), sobre o Jeca Tatu, serve como comparativo neste trabalho sobre as questões raciais e Monteiro Lobato, onde ele estereotipa outros seres humanos por subjugar-los inferior. Assim, refletimos que se Lobato conseguiu distorcer a imagem do caboclo, ele também distorce a imagem do negro.

4.3. O editor

No ano de 1918, Lobato vende a sua fazenda e se muda para cidade de São Paulo. Nesse momento, ele já possui um nome da literatura brasileira, mas nada comparável ao sucesso adquirido, posteriormente, com a publicações de suas obras infantis. Lobato cresce como editor, após comprar a Revista do Brasil que, fundada em 1916, por Júlio de Mesquita, Luiz Pereira Barreto e Alfredo Pujol. A revista apesar de ser veiculada em um momento que o país sentia as consequências da guerra, possuía uma boa circulação entre os intelectuais da época. Seu objetivo firmar uma identidade nacional, através de uma linguagem simples e direta (SIMIONATTO, 2004, p.1).

“Nem pensei em editor. Nem sabia da existência de editores!” (LOBATO,1951, p.221). A frase dita por Lobato revela muito sobre o lugar e a função do editor no século passado, diferente do jornalista, advogado, médico e outras profissões que já possuíam certa notoriedade, a profissão de editor não era renomada. E nem precisamos falar no passado, já que atualmente cursos como direito, medicina, engenharia, continuam sendo bem reconhecidos, enquanto a profissão de editor precisa ser explicada. O autor é descrito, muitas vezes, como um *idealista prático*, por pensar no ritmo capitalista da época (NEVES, 1948, p.275), o que colaborou para suas atividades mesmo que involuntárias como editor.

Embora ainda não e possa caracterizar essa atividade como a de um editor plenamente profissionalizado, também não era a de um simples autor com meios financeiros para encomendar a impressão de seus livros, como ocorria, e até hoje ocorre (MORAES, 2016, p. 67).

Após a compra da Revista do Brasil, ele aproveita a expansão da mesma para criar sua própria editora, a Monteiro Lobato & Cia, em parceria com Octalles Marcondes Ferreira. As obras produzidas pelo Monteiro Lobato & Cia combinaram com a renovação do ensino primário, em São Paulo, com métodos de alfabetização renovados e livros para o ensino secundário *técnico-comercial e normal* (MORAES, 2016, p. 74). As capas desses livros seguiam padrões, sendo as impressões apenas em preto. “Assim Monteiro Lobato se alinharia a uma tradição editorial já estabelecida, em que a sobriedade das capas reveste o livro didático da seriedade da sua missão e uso” (MORAES, 2016, p.74).

Podemos notar que os livros didáticos eram importantes para manter a editora de Lobato e Octalles funcionando. Essa realidade não mudou muito, visto que no mercado editorial atual⁶, a produção de livros didáticos se mantém em primeiro lugar. Em seu percurso como editor, Monteiro Lobato teve grande importância no mercado editorial brasileiro e colaborou para a sua renovação, já que o escritor tinha preferência por autores novos no mercado.

4.4 Pensamentos raciais do autor, eugenia e relação com pessoas negras.

Como já foi citado na pesquisa, Monteiro Lobato se mostrou apoiador do movimento da eugenia. Devemos nos perguntar o que é esse tal movimento, qual seu propósito, porque muitas vezes não estudamos sobre a sua existência no país, na escola ou por que decidimos falar dele nessa pesquisa. Antes de tudo, precisamos saber que esse foi um movimento de caráter científico, que tinha como colaboradores os intelectuais e detentores do saber sobre pesquisas científicas da época. “O termo “Eugenia” -*Eu*: Boa; *genus*: Geração-foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton[...] Após ter lido A Origem das Espécies” de Charles Darwin, de 1859 (SCHWARCZ, 1957, p.60).

Transformada em um movimento científico e social vigoroso a partir dos anos 1880, a eugenia cumpria metas diversas. Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de “nascimento desejáveis e

⁶ Segundo a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro em 2018, teve 162.858.488, representando 46,54 dos exemplares produzidos no mercado.

controlados”; enquanto movimento social, preocupa-se em promover casamentos entre determinados grupos e - talvez o mais importante – desencorajar certas uniões nocivas à sociedade (SCHWACH, 1957, p.60).

No Brasil, o movimento eugênico se consolidou com a criação da Sociedade Eugênica de São Paulo e teve atuação muito forte no desenvolvimento de políticas públicas, as quais afetam grande parte da população de ex escravizados e seus descendentes. Nos anos de divulgação do movimento, houve um intenso investimento em pesquisas nas mais diversas áreas de conhecimento, da saúde ao jornalismo, que buscavam comprovar que o Brasil era atrasado e que a causa desse atraso era o grande número de “degenerados” existentes na população, frutos da miscigenação ocorrida no país, processo esse que não se deu de maneira pacífica⁷.

O objetivo de branquear a sociedade teria êxito, a partir da promoção de condições favoráveis à procriação eugênica através da educação, da higiene e do combate à reprodução dos degenerados e criminosos, porque estes poderiam transmitir os defeitos morais, físicos e mentais aos descendentes (DOS SANTOS; RICARDO AUGUSTO, 2008, p.223).

Essas reflexões mostram o nítido descontentamento com a presença numerosa de afrodescendentes no país, que segundo Censo de 1872, conhecido como o único a registrar o número de negros no país, que compunha 58% da população, 176.057 africanos vivendo no país naquele momento, segundo o levantamento. A única divisão dada era entre escravos (138.358) e alforriados (37.699). (JANSEN 2013)

O censo mostra que havia na população brasileira uma forte presença de pessoas autodeclaradas pretas/pardas. Como vimos no decorrer do trabalho, o movimento eugênico não via com aprovação esse número. Na tentativa de reverter a situação foi desenvolvido um processo muito abrangente que permeia até hoje em nossa sociedade, esse processo é chamado de branqueamento, que nada mais é que a busca por clarear a

⁷ “Compreender os mecanismos que fundamentam o mito da democracia racial significa favorecer positivamente aos processos tanto da reflexão aprofundada, quanto de ruptura do lugar naturalizado desta mulher (negra e indígena) que teve a sua condição de ser humano espoliada física, emocionalmente e psicologicamente. Além disso faz-se necessário observar sob a égide de uma perspectiva mais minuciosa, o argumento de que a miscigenação corroborou para que se instituisse o Brasil como o país da diversidade étnico-racial.” (SANTOS 2018, p.46)

população, a fim de fazer a mesma uma nação mais próxima das ideias populacionais europeias, que eram vistos como civilizados⁸.

Monteiro lobato era um dos apoiadores desse movimento eugenista, composto pelos homens intelectuais da época, os estudos sobre eugenia no Brasil citam seu nome, como os da autora Pietra Diwan, que analisa as cartas trocadas pelo autor, em uma delas ele diz “É um processo indireto de fazer eugenia, e os processos indiretos, no Brasil, *work* muito mais eficientemente”(DIWAN, 2007, p.111). Como vemos, a sua contribuição para o movimento era com a sua literatura, o autor mostra-se apoiador da organização Ku Klux Klan, organização que busca a supremacia branca nos EUA e protagonizaram e se envolveram em diversos assassinatos, linchamentos e tortura de pessoas negras. Esse apoio é demonstrado em um correspondência enviada a seu amigo Arthur Neiva , em 1928, após sua ida aos Estado Unidos, o conteúdo desta correspondência pode ser conferido, a seguir.

País de mestiços, onde branco não tem força para organizar uma Kux-Klan (sic), é país perdido para altos destinos [...] Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca — mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva.(DIAS 2013).

Lobato não era apenas um indivíduo que estava escrevendo conforme o que percebia da época, mas, sim, pensava numa perspectiva futura. Lobato não era apenas um homem racista, mas também eugenista, que é mais grave, visto que a ideia da eugenia, como foi explicado na pesquisa, vai além de não gostar e respeitar pessoas negras, eugenia é uma motivação em eliminar uma raça ao ponto de atingir a supremacia branca.

É sabido que Monteiro Lobato, além de escrever ficção, era um grande entusiasta da eugenia, assim como muitos sanitaristas e personagens de sua época, e mantinha uma relação estreita com Renato Kehl, considerado o pai da eugenia no Brasil (DIWAN, 2007, p.110).

É sabido, também, que Monteiro Lobato trocou correspondências com o autor Lima Barreto, um romancista negro que denunciava o racismo da época. Não aprofundei as pesquisas a fim de entender essa relação entre ambos, mas as pesquisas feitas demonstram que ambos criaram certa amizade que durou até a morte do autor Lima

⁸ Por muito tempo a Europa usou como justificativa para colonização de outros países, o fato deles levarem a civilização aos territórios explorados.

Barreto. Sobre os pensamentos raciais do autor, sabe-se que Lima Barreto tinha conhecimento, principalmente, pelo fato dele ter lido o texto *Problema vital*, publicado pela *Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga de Saneamento do Brasil*, o texto FILHO (2016), indaga:

Vale indagar, porque um espírito arguto como Lima Barreto não manifesta nenhuma reação de horror, espanto ou hostilidade ao ver livro do amigo ser publicado por tal sociedade, que segundo críticos de afogadilho de Lobato era uma prova irrefutável de seu racismo, pelo simples fato de pertencer a tal instituição? (FILHO, 2016, p. 384.)

Segundo o texto, o autor não viu problema na obra pelo fato dos responsáveis por publicar *Problema vital* não serem norteados pelo ideal eugênico nazistas. Mas o que podemos analisar nessa relação, é que mesmo Lobato possuindo uma amizade com um homem negro ou mestiço, como denominado na época, homem esse que esbanjava muita criatividade, inteligência e senso crítico, não impediu Lobato de ser um preconceituoso. Assim, refletimos que, apesar de Lobato ter colaborado para a carreira de um homem negro, não muda seus pensamentos. Acreditar que a existência dessa amizade inibe a acusação do racismo presente na obra *O Sítio do Picapau amarelo*, mostra que precisamos, com urgência, debater sobre os racismos estruturais e o motivo da problematização da concepção individualista do racismo. Com isso, trazemos a contribuição sobre racismo individual trabalhada por Almeida (2018):

É uma concepção que se insiste em flutuar sobre uma fraseologia moralmente inconsequente- “racismo é errado”, “somos todos humanos”, “como se pode ser racista em pleno século XXI?”, “tenho amigos negros” etc. é uma obsessão pela legalidade. No fim das contas, quando se limita a olhar sobre racismo há aspectos meramente comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas pelo abrigo da legalidade e com apoio moral de líderes políticos, líderes religiosos e dos considerados “homens de bem (ALMEIDA, 2018, p. 28-29).

O fato do indivíduo ter amigos negros não significa que não possa ter práticas racistas e nem o exime do racismo implantado em outros campos da sua vida, no caso de Lobato, sua amizade com Barreto não o impediu de compactuar com o racismo.

5. ANÁLISE DE CONTEÚDO DE O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

A partir do método da análise de conteúdo, depois da leitura inicial das obras, construímos categorias de análise que permitem observar aspectos da obra relacionados com a representação estereotipada das personagens negras. Para aprofundar a análise, também exploramos alguns eixos transversais observados em cada categoria de análise que foram construídas a partir de leituras prévias das obras. Contaremos, também, com eixos de investigação que conversam e complementam as categorias. As categorias de análise são: 1) A construção de personagem, 2) A relação entre os personagens e 3) A inferiorização tanto do negro quanto da cultura popular. Os eixos denominados foram: A) O uso da palavra negra/preta; B) referências ao continente africano e suas culturas e C) Referência ao período escravocrata. Os eixos foram criados para sanar a interpretação de trechos que não se encaixavam nas categorias e apresentavam conteúdos que mereciam atenção e para justificar o aprofundamento. Mas por que a separação em categorias e eixos de análise, todas as fases, trechos e palavras que ofendem as personagens negras, se sabemos que elas são em decorrência do racismo? Bom, a escolha de separar a análise dessa maneira, é para colaborar na construção de uma visão mais esmiuçada e assinalar a estrutura racista que perpassa a obra. Assim, podemos situar e problematizar cada atitude proveniente do racismo que, para alguns, ainda se encontra “velado” ou passa despercebido na obra.

Como já foi citado no trabalho, o ideal seria fazermos a leitura e análise de todos os livros que compõem a obra O Sítio do Picapau Amarelo, mas por conta do tempo e dos objetivos do trabalho essa leitura mais completa se tornou inviável. Por isso, foram selecionadas 4 das 17 obras pertencentes as versões publicadas pela editora Brasiliense. As selecionadas foram: Histórias de tia Nastácia, Caçadas de Pedrinho, Viagem ao céu e O saci. Ainda que trechos de outras obras são citados, estas não foram incluídas na análise, por não serem lidas por completo e por pertencerem a análise de outros autores. Outro ponto que devemos levar em consideração, é que as histórias foram publicadas em anos diferentes, mas que os livros e a versão analisada são de 1962, da editora brasiliense. Então, as obras encontradas e trabalhadas na análise são mais recentes e de edições diferentes dos primeiros escritos de lobato, as mesmas possuem características padronizadas com uma capa dura verde e letras douradas, com o mapa do Sítio do Picapau Amarelo e sua vizinhança peculiar na guarda do livro. Optamos por essa versão devido ao fato que as obras mais antigas e das primeiras edições são acesso de restrito e por isto

requerem certo investimento financeiro, já que pelo tempo de existência se tornou artigo de colecionador e o preço é elevado. Havia o risco de que os selecionados estivessem indisponíveis. Vale lembrarmos que a maioria das obras lidas dividem o livro com outra obra, ou seja, duas em um, como é caso de *Viagem ao Céu* e *O Saci*, que dividem as páginas do mesmo livro. Destes, apenas o livro “*Histórias de tia Nastácia*” não divide livro com outras obras e ocupa um livro inteiro.

Os critérios de seleção são baseados em obras já analisadas em trabalhos anteriores e pelo que seu resumo prometia. Algumas obras como *histórias de tia Nastácia* e *O Saci* não poderiam ficar de fora já que, pelo seu título, deduzimos que os personagens negros são os protagonistas e/ou possuem maior participação de tal personagem na história.

Histórias da Tia Nastácia (1937)

O livro traz uma reunião de 44 contos curtos, os quais narram histórias populares e pertencentes ao folclore brasileiro, trazendo contribuições africanas e indígenas. Tia Nastácia é a responsável por compartilhar essas histórias com os demais moradores do Sítio, as mesmas são passadas de geração em geração por meio da oralidade. É nesse livro que temos a figura de Tia Nastácia como detentora da fala, diferente dos outros livros em que ela é colocada como uma pessoa passível que apenas aceita as ordens de outros personagens. No livro, percebe-se uma constante comparação das histórias contadas por Tia Nastácia com as histórias contadas por Dona Benta, as quais são consideradas superiores em relação àquelas que Tia Nastácia conta, que, por vezes, são consideradas bobas.

Caçadas de Pedrinho (1933)

O livro ilustra a saga de Pedrinho que, após ouvir um relato do Marquês Rabicó, sai em busca da onça descrita pelo porco como um “*gatão do tamanho de bezerro*” (LOBATO, 1962c, p. 3). O garoto convocou sua prima Narizinho, Visconde de Sabugosa, o Marquês de Rabicó e a boneca Emília, para ajudar em sua missão, assim os personagens iniciam uma caçada a tal onça. Toda a aventura foi planejada às escondidas de Tia Nastácia e Dona Benta, a ação das crianças causa grandes transtornos para os moradores do Sítio, que precisam lidar com a revolta dos animais selvagens. Inicialmente, a narrativa tinha como título “*A caçada da onça*” (1924), mas o título foi alterado.

A obra foi o centro de uma polêmica envolvendo as falas de Pedrinho em relação à personagem Tia Nastácia. Em 2010, uma denúncia foi feita após a aprovação da obra para compor o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que, conseqüentemente, levaria a obra para distribuição nas escolas públicas, a denúncia feita pelo então mestrando em Educação pelo Universidade de Brasília, Antônio Gomes da Costa Neto, foi encaminhada ao Conselho Nacional da Educação (CNE), através da Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (PORCIÚNCULA, 2014, p. 13). Felizmente, a denúncia foi aprovada pelo diretor de Educação para Diversidade, Armênio Bello Schmidt. No parecer CNE/CEB nº 15/2010 da denúncia, foi citado:

Uma sociedade democrática deve proteger o direito de liberdade de expressão e, nesse sentido, não cabe veto à circulação de nenhuma obra literária e artística. Porém, essa mesma sociedade deve garantir o direito à não discriminação, nos termos constitucionais e legais, e de acordo com os tratados internacionais ratificados pelo Brasil (Gomes, 2011, p.8).

O parecer ainda coloca a responsabilidade para as escolas e propõe a união das leituras do livro com a Resolução CNE/CP nº 1/2004, problematizando o conteúdo da obra, para fins de uma educação antirracista, dessa forma o veto foi aprovado. Em 2014, a exclusão do livro nas escolas foi negada com o argumento de que deveriam formar educadores antirracistas que problematizassem a obra. Acreditamos que a decisão do STF, em 2014, não levou em consideração se a lei 10.639⁹ estava sendo cumprida pelas todas as instituições de ensino. Essa decisão agrava muito mais quando a instituição cumpre a lei, fazendo com o que o estudante tenha contato com o livro sem a base para problematizar o racismo existente nele.

O trecho acusado de ser preconceituoso traz:

Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (LOBATO, 1962, p. 55).

⁹ A lei 10.639, foi sancionada no ano de 2003, alterando a Lei de Diretrizes e Base da educação, nela "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

O Saci (1927)

Na obra, Pedrinho faz sua captura em busca do Saci, descrito como um menino sapeca que adora aprontar com qualquer criatura, dentre as suas artes estão azedar o leite alheio, queimar as comidas no fogão, colocar moscas nas sopas, dentre outras travessuras. Ele é descrito como um menino de uma perna só que usa uma carapuça vermelha na cabeça e está sempre fumando um *pitinho*, a sua força está concentrada na carapuça que, se for retirada de sua posse, torna o Saci um *pequeno escravo* e a pessoa que conseguiu arranca-la, transforma-se em seu *senhor* (LOBATO 1962, p.186). Na narrativa, Pedrinho segue os conselhos de Tio Barnabé e captura o Saci, ambos passam por aventuras nas redondezas do Sítio, mas seu objetivo era salvar sua prima Narizinho das garras da Cuca. O livro apresenta o total de dez edições, a primeira foi publicada no ano de 1921 e a décima no ano de 1947. O objetivo de tantas edições era o aperfeiçoamento da obra que, apesar de conter revisões e alterações, a cada nova edição mantém sua essência.

Viagem ao céu (1932)

O livro acompanha a saga dos netos de Dona Benta pelo universo que, após observarem o céu pelo telescópio, decidem usar o pó de pirlimpimpim para se aventurar pelo céu. Os personagens que participam dessa viagem são: Pedrinho, Tia Nastácia, Narizinho, Emília, Visconde de Sabugosa, que na história é Dr. Livigstone, e o burro falante. O primeiro espaço visitado é a Lua, onde conhecem o São Jorge, que pede para Tia Nastácia ficar junto com ele para fazerem os bolinhos, enquanto os demais personagens partem para o universo em busca de Visconde e do Burro falante que, durante uma grande confusão na Lua, perdem-se do grupo e precisam ser reencontrados. Durante essa busca, os netos de Dona Benta e a boneca falante visitam planetas, como o planeta Marte e até conhecem um pequeno anjo.

Para orientar a análise, a primeira categoria apresentada é a construção de personagens, a qual reúne os elementos usados para descrever os personagens negros da série. A segunda categoria é a relação dos personagens, onde temos a relação entre os personagens negros e a relação de personagens negros com os brancos e, por fim, unimos duas categorias que aparecem nas histórias quase sempre conjuntas, que são a inferiorização e a cultura popular ou do povo.

5.1 Construção dos personagens negros

Nessa categoria atentamos aos aspectos usados na descrição dos personagens negros, seja nas suas roupas, falas e atitudes perante a aventuras vividas durante a série. O personagem Saci Pererê, inicialmente, ficaria de fora da análise, por ser descrito como uma lenda, mas decidimos por sua permanência devido ao papel que ocupa no andamento da história. Destes três personagens, o único que não possui livro próprio é o Tio Barnabé. Entre os livros lidos, apenas em *O Saci* ele possui falas. A primeira personagem analisada foi Tia Nastácia, seguido por Tio Barnabé e por último o Saci.



Figura 3: Ilustrações das personagens Tio Barnabé, Tia Nastácia e O Saci.(Lobato 1962).(fonte: imagem autoral)

Tia Nastácia e suas histórias.

“Parecem-me muito grosseiras e bárbaras - coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto. - Disse Emília.” (LOBATO, 1962d, p.30).

A frase dita por Emília está presente no livro “*Histórias de Tia Nastácia*” (1937). É umas das frases onde as ofensas racistas são facilmente identificadas pela maioria dos leitores do livro. As expressões beijuda e negra são vistas com muita frequência nas obras e são utilizadas de forma pejorativa.

Tia Nastácia é descrita como uma mulher idosa, gorda, negra e umas das melhores quituteira do mundo. Sua idade é citada no livro *O Saci*, que relata ter 66 anos, dois anos a mais que Dona Benta, que tem 64. Suas atitudes quase sempre são descritas como errôneas ou advindas de certa ignorância da personagem que é, constantemente, descrita como assustada, inocente, desatenta e que é fácil de ser enganada. É evidente que para

termos uma construção completa da personagem teríamos que ler conto a conto e, possivelmente, edição por edição, para sanar alguns aspectos que não foram encontrados nos livros selecionados e nos recortes próprios. Em alguns momentos, contamos com a colaboração de trechos identificados por outros autores. Tia Nastácia é declaradamente católica e, com frequência, surge se benzendo ou fazendo referência a algum santo católico. Inclusive, há trechos em que ela teme a palavra “protestante”, como quando informam a personagem que o Sabugo é inspirado em Dr. Livingstone¹⁰, descrito como protestante. O aspecto extremamente religioso da personagem colabora com a tendência medrosa de sua personalidade. Sua religião não é especificada, apenas abordam que crê em Deus. A origem da personagem é, brevemente, descrita no trecho seguir:

Quem sabe se tia Nastácia é do Congo? -lembrou Narizinho. Não-disse Dona Benta. Nastácia é de neta dum casal de negros vindos de Moçambique. -Hum, hum! -Exclamou Emília -Moçambique, que luxo [...] (LOBATO, 1962d, p. 189)

Uma característica física que é constante na descrição de Tia Nastácia são os seus lábios, sendo descritos como “beijos”, “beijuda”, “beijaria”. Em “Bem que se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é seu nariz, sabe?” (LOBATO, 1962d, p.132) e em “A negra derrubou um grande beijo” (LOBATO, 1962a, p. 60). Frases ditas por Emília e pelo narrador, respectivamente. No primeiro trecho, não apenas seus lábios são vistos como motivo de ridicularização, mas também seu nariz e o fato deles não serem “finos” como dos personagens brancos. Ainda que essa comparação não seja posta nitidamente na obra, mas a atenção dada a esses traços é incomoda e desagradável.

Voltamos a referência aos lábios e a forma como são chamados na história, quem possui beijos? Ou melhor, para qual ser vivo usamos essa palavra “beijo” para descrever o que denominamos de lábios? Acertou quem pensou no cavalo ou qualquer outro animal, como o burro (personagem presente na história). Deste modo, percebemos que a obra faz o uso de características animais para descrever a parte do corpo de uma personagem humana, mas esse trecho não é o único a fazer isso.

¹⁰ Um trecho dito por Emília quando todos aprovam a nova versão de Visconde “A *ideia* agradou a Emília. “Sim, serve. Um explorador africano será excelente aqui. -Para procurar objetos perdidos. Arranjamos diversas origens para ele procurar.”

E eu – disse Pedrinho – fiquei com vontade de comer mandioca cozida, da bem enxutinha, com melado de rapadura. Upa! É uma coisa da gente lambar os beiços. -Beiços é de boi – protestou Emília. – Gente tem lábios (LOBATO 1931e, p.40 apud DUTRA, 2009, p.50)

Aqui fica nítido que o narrador sabe que a palavra “beiço” é usada para animais e lábios é o correto para nomear essa parte do corpo em humanos. E, mesmo que na época a palavra “beiço” fosse usada para referir-se ao lábio de qualquer pessoa, devemos levar em conta a questão de raça atravessada nessas falas e no contexto tanto atual e da época. Ainda que a palavra beiço não tenha sido intencionalmente usada para animalizar Nastácia, a palavra não possui o mesmo peso e intensidade que quando dita a uma pessoa branca, pois o peso maior recai quando é utilizada para se referir a uma pessoa negra. Por acaso alguém vê pessoas brancas, tomando como exemplo jogadores de futebol, de cor branca sendo chamados de macacos quando estão em campo?

Temos muito exemplos atuais dessa comparação de pessoas negra com animais. Como os casos de racismo ocorridos nos campos de futebol, em que jogadores negros são chamados de “macacos”, além de terem o som do animal imitado, ao estarem no campo ou de terem bananas arremessadas ao campo toda vez que o jogador está com o domínio da bola. A recorrência desses ataques de cunho racista mostra que essa ideia de que pessoas negras se assemelham a macacos não ficou apenas na época em que Lobato escreveu suas histórias infantis. Se colocarmos em uma linha do tempo e contarmos os anos de diferença que há entre a frase central da polêmica em que Tia Nastácia é comparada a um macaco e os casos de racismo contra os jogadores de futebol ao serem chamados de “macaco”, veremos um grande espaço de tempo entre os acontecimentos, mas pouca mudança na postura social, que emprega novamente essa palavra afim de ofender e animalizar pessoas negras. Os processos de animalização de Nastácia podem ser explicados pelo reducionismo: “uma estratégia que muitas vezes é aplicado à representação de corpos de mulheres de qualquer raça”, (HALL, 2016, p. 245). Nesse caso, essa estratégia é aplicada a de um corpo negro e, aliado ao racismo, reduz Tia Nastácia a seus lábios e cor.

5.1.2 Tio Barnabé, homem negro e suas representações

“-O Tio Barnabé. Fale com *ê*le. Negro sabido está ali! Entende de todas as feitiçarias, e de Saci de mula - sem cabeça, de lobisomem-de tudo” (LOBATO, 1962b, p.184).

Barnabé Semicúpio da Silva, descrito como um homem negro, idoso, com mais de 80 anos, morador do rancho coberto de sapé, no final do sítio. Ele ajuda nas tarefas do sítio de modo geral, mas sua obrigação fixa é cuidar da vaca *Mocha* e *das galinhas*. Suas vestimentas nas ilustrações são compostas por um chapéu de palha, calça, camisa de algodão, sandália e adereços. É calvo, possui rugas na pele, está sempre acompanhado de seu cachimbo e possui grande sabedoria sobre a mata, as lendas e todas as *feitiçarias* (LOBATO, 1962b). O personagem é um dos menos descritos nos livros analisados, sua participação é maior em O Saci, onde é o responsável por apresentar a história O Saci à Pedrinho. “-O Saci- começou *elê*, é um diabinho de uma perna só que anda *sôlto* pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe.” (LOBATO, 1962e p.194). Tio Barnabé mora com sua família no sítio, a mesma é citada no trecho:

O próprio tio Barnabé, que faz parte do nosso sistema, também é centro dum sistemazinho lá *dê*le, composto por mulher, dos filhos e dos cacarecos que possui no casebre-aquele pote d'água, aquelas esteiras, aquelas panelas de barro tão velhas....-“E aquele cachorro sarmento também, o Merimbico- Lembrou Emília (LOBATO, 1962a, p.142).

Sobre seus filhos e sua esposa, não obtivemos mais informações, nem de sua idade ou de ocupações ou gênero, mas, provavelmente, já estavam na fase adulta. Tio Barnabé é um personagem distanciado na história, diferente de Tia Nastácia que está inserida na maioria das histórias. Após a leitura e análise dos contos, chegamos à conclusão que a presença de tio Barnabé refere-se ao preto velho, figura recorrente na representação do negro na literatura do século XVIII e XIX. Segundo SANTOS (1999), em sua dissertação “*Preto Velho: as várias faces de um personagem religioso*”:

Um quadro que tive a oportunidade de ver repetidas vezes em casas de família, estabelecimentos comerciais e instituições religiosas. Nele, retrata-se a figura de um negro idoso fumando cachimbo num toco de árvore em meio a uma rica vegetação e ostentando uma guia em volta do seu tronco nu, em contraste com suas calças brancas de algodão. Ainda é possível distinguir, na mesma cena, um casebre de sapé, o que leva o observador a rememorar alguns aspectos comuns a certas zonas rurais. (SANTOS, 2007, p.1)

A observação apresentada por Santos e a semelhança da ilustração de Tio Barnabé e do preto velho do quadro, não acontece por acaso. A figura do preto velho também é comumente vista nos terreiros de Umbanda.



Figura 4. A esquerda a representação de um preto velho, Pai Joaquim. Fonte: site Pai Joaquim. A direita ilustração de Tio Barnabé, presente no livro do Saci (1962).(Fonte: imagem autoral)

A obra de Lobato não foi a única a trazer a imagem do preto velho, que nos livros não está tão presente, por vezes, seus personagens passam despercebidos quando acessamos nossa memória para a história do sítio. Sua aprovação ocorre pelo fato do personagem estar no local destinado pelo grupo hegemônico a homens como ele, ou seja, sempre à disposição dos brancos para tirar dúvidas e depois ser descartado, ora para mostrar a bondade de Dona Benta em permitir um agregado de cor preta, que foi escravizado de seu pai, em suas terras. Tio Barnabé aparece pouco perante toda a bagagem que possui, sendo um idoso de mais 80 anos e, já que as crianças amam aventuras, ele seria um ótimo contador, assim como Tia Nastácia. Todavia, pelo que já percebemos na análise sobre a forma como as histórias de Tia Nastácia foram retratadas, provavelmente, as “histórias de Tio Barnabé” seriam inferiorizadas e severamente criticadas.

5.1.3 Saci Pererê e o folclore brasileiro

“Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci, fica por toda a vida senhor de um pequeno escravo.” (LOBATO, 1962b, p.184).

O Saci Pererê, descrito na frase, é personagem mitológico famoso entre as lendas brasileiras, já fez parte de inúmeras histórias, sendo inclusive mascote de time de futebol. Personagem não originário do Sítio, mas que é inserido na obra e traz consigo outras lendas do folclore brasileiro. Para a sua análise, levamos em consideração apenas a análise do livro infantil O Saci, do Sítio do Picapau Amarelo e não contamos com a análise do primeiro livro de Monteiro Lobato, Saci: O resultado de um inquérito (1918). Livro no qual Lobato faz uma busca através de depoimentos sobre a existência do Saci, o inquérito foi adaptado para o público infantil no livro O Saci (1921).

A caracterização do Saci é uma das mais completas da história de Lobato, levando em consideração os livros analisados. O personagem é descrito como de cor preta, possui somente uma perna, veste apenas uma carapuça vermelha e anda sempre acompanhado de um *pitinho* na mão, seu tamanho é pequeno, menor que Pedrinho. Segundo Tio Barnabé “Em todos os redemoinhos há saci dentro, porque fazer redemoinhos à justamente a principal ocupação dos sacis neste mundo.” (LOBATO, 1962b, p. 193). Sua origem se dá através de casulos, que germinam por um tempo não especificado, é dito também que o saci já nasce com o pequeno fumo na boca e sai do casulo pronto para se aventurar pela mata e pelas moradias ao redor.

Dotado de muita astúcia, os sacis são responsáveis por inúmeras *sapequices* nas terras do Sítio, como azedar leite, roubo de fumo, amarrar rabo dos cavalos e outras coisas que marcam sua presença no local. A fórmula ensinada por Tio Barnabé para capturar o Saci é resumida em ficar atento a um redemoinho, aproximar-se dele com uma peneira e, na primeira oportunidade, deve-se jogá-la sobre o redemoinho, logo depois, abrir uma pequena fresta onde é colocada uma garrafa escura que atrai o Saci. Na história, Pedrinho conta com a ajuda de Narizinho para capturá-lo. Durante o relato de tio Barnabé, ele conta detalhes sobre a pequena criatura, como o fato dele possuir as mãos furadas no centro e gostar muito do número 7. Esse número, aliás, aparece em muitas lendas brasileiras, como a do Lobisomem e da bruxa, que conta que, se em uma família nascer 6 crianças do sexo masculina e a 7 ser menina, a mesma será bruxa. Mas se de 6 meninas o 7 ser menino, o mesmo se tornará lobisomem. As referências ao sobrenatural e a demonização são

recorrentes nas caracterizações do Saci. O número 7 também é ligado a coisas consideradas demoníacas e, até mesmo no sítio, o Saci é descrito como um ser das trevas que, por vezes, é chamado de *diabinho*.

Versões sobre a lenda do Saci-pererê

A lenda do Saci-Pererê é conhecida em quase todas as regiões do país e em alguns países vizinhos, como Argentina, possuindo variantes na sua história. Vejamos as duas versões da possível origem do Saci, a primeira e mais antiga é a de que o Saci era um ser originário da cultura indígena, “originário das lendas Tupi-guarani, misturado com as superstições e credences africanas, conhecido como senhor das matas e símbolo da liberdade” (SOUZA, 2017, p.2). Há versões que afirmam que sua origem é da Região sul do país, região de origem da lenda o Negrinho do Pastoreio, sua descrição é a mesma que encontramos na obra do Sítio, seu nome também varia de cada região.

A segunda versão é a que nos conta que, na verdade, a origem do Saci é atribuída a um príncipe africano, trazido por um navio negreiro, que ao se libertar do senhor que o possuía, ajudou outros escravizados a fazerem o mesmo. *Saduci*, como era chamado, aconselhava os outros escravizados a trabalharem corretamente. Após receber uma surra de alguns feitores, o mesmo foi dado como morto, mas para a sua sorte foi salvo pelos demais escravizados, tornando-se símbolo de liberdade, já que ele auxiliava na fuga de africanos, certa vez foi pego pelos capitães do mato que por maldade arrancaram sua perna e foi dado como morto pelos portugueses, mas segundo à lenda, ele continuava vivo e ajudando a libertar mais escravizados. A segunda versão se enquadra nas produções de fanfic, criada por Emy Moraes e compartilhada em sua rede social, em 2012, “Achei que as crianças afrodescendentes precisam de histórias bonitas para terem orgulho de si mesmas e não só histórias de dor e sofrimento” (MORAES, 2012 apud COSTA, 2008).

Como exercício ficcional é super válido e criativo, mas me preocupa o número de pessoas compartilhando como sendo “a verdadeira história do saci” e manifestando o desejo de ensinar essa versão nas escolas agora que estamos no mês do folclore (COSTA, 2008p.1).

Essa segunda versão recebeu muitos compartilhamentos, principalmente, nos dias próximos ao dia 31 de outubro, dia de Saci. “A data foi criada em 2003, com o intuito de

resgatar e valorizar o folclore do nosso país, promover a cultura nacional e as tradições brasileiras” (DIANA, 2019 p.1). No Brasil, a criação da história do *Saduci* cumpre com o papel de valorizar a cultura afro-brasileira para crianças, visto que a simbologia da liberdade e da autonomia dos povos escravizados na história é posta em evidência. O trabalho não pretende contestar e nem definir qual a versão verdadeira, mas sim, apresentar a representação que o personagem tem nas obras de Lobato.



Figura 5 Estante de vidro de “Sacis-pererês”. Museu afro brasil/SP. 2019. (Fonte: Imagem autoral)

O Museu afro-brasil, localizado em São Paulo, capital, possui uma estante dedicada ao personagem com ilustrações compostas por diferentes matérias e apresenta também uma breve explicação da origem do Saci, como vemos a seguir:

Desde tempos memoráveis ou pelo menos desde o século XVIII nossos ancestrais indígenas contavam, ao redor de fogueiras, histórias em que aparecia aquela figura impressionante do “caboclo de uma perna só”, que vivia fumando seu cachimbo e adorava fazer suas estripulias pela floresta. características físicas e adereços que compõem esta personagem foram se desenvolvendo ao longo dos contatos indígenas com outros povos vindos de longe, como os Africanos e Ibéricos. Não tardou muito para que o Sacy caboclo dos indígenas se transformasse naquele negrinho brincalhão de gorro vermelho, culminando num dos múltiplos “sacis-pererês”, dentre eles o das histórias do escritor Monteiro Lobato (1882-1948).(Frase exposta na estante de vidro da imagem)

Espaços como o do museu Afro Brasil devem ser utilizados como local de estudo, principalmente, para o público infantil, pois suas galerias carregam muitas informações sobre o histórico dos negros nesse país.

4.2 Relações entre personagens

A categoria a seguir pretende debater a forma como as relações entre os personagens do Sítio de Dona Benta são estabelecidas, de modo a entender como tais relações são, com frequência, pautadas pelo racismo estrutural e pelas condições trabalhistas de pessoas negras no pós-abolição.

As histórias presentes nos livros que compõem o Sítio do Picapau Amarelo foram publicadas entre os anos de 1921 e 1944. Este período foi marcado pela construção de uma identidade nacional e pelo progresso da nação, ou seja, um país que a pouco tempo aceitou o fim de um dos fatos mais perversos da história, a escravidão dos povos africanos e a dizimação dos povos indígenas. É nesse momento também que se perpetua o mito da democracia racial. No sítio, percebemos a demonstração da realidade e dos estereótipos construídos em cima da imagem do negro com o objetivo de mostrar que existia no Brasil uma democracia racial e de que os povos portugueses e brancos eram superiores aos demais povos, assim justificando os motivos de os personagens negros estarem em posição subalterna e inferiores aos personagens brancos do Sítio.

A Emília é uma das personagens com relações mais problemáticas com os negros representados no Sítio. A mesma é a que mais profere palavras e ofensas discriminando Tia Nastácia. As atitudes da boneca são colocadas como parte de sua personalidade forte e politicamente incorreta. Seu inverso, na história, é a personagem Narizinho que, em algumas passagens, reprime Emília e expõe as ambiguidades presentes na obra de Lobato. Agora nos atentamos ao trecho a seguir, que traz o diálogo entre Narizinho e a boneca sobre a ressurreição de Visconde de Sabugosa, que havia sido destruído após uma aventura:

- Hoje, sim. - afirmou Emília. Tia Nastácia está “lagarteando”, mas negra velha não tem direito de repousar. Narizinho encarou com olhos e censura. - Malvada! Quem neste sítio tem mais direito de descansar do que ela, que é justamente quem trabalha mais? Então negra velha não é gente? Coitada! Ela entrou no *lagarto* ontem; Espere ao menos mais uns dias. -Não[...] Teimou Emília (LOBATO, 1962a, p.7)

No diálogo, Emília teima em acordar Tia Nastácia do “lagarto”, período das férias do Sítio em que todos tiram um “*repouso anual*”, durante o mês de abril, em que todos largam suas tarefas para não fazerem nada, apenas descansar como “*lagarto no sol*”. A boneca acorda Tia Nastácia que cede ao seu pedido. O que chama nossa atenção no trecho

é a ambiguidade nas falas das personagens, o autor por escrever, inicialmente, a personagem desrespeitando a cozinheira, inclusive, fazendo uso da palavra negra de forma pejorativa e, logo após, apresenta a personagem Narizinho reprimindo Emília em defesa de Tia Nastácia.

Na primeira oportunidade que a boneca Emília tem de ofender e inferiorizar Tia Nastácia por causa de sua cor, traços ou falas consideradas errôneas, a boneca fala grosseiramente com a cozinheira. “-Ah santo, tia Nastácia é a rainha das *bôbas*. Veio conosco enganada. Cheirou o pirlimpimpim pensando que era rapé.” Além de usar a palavra boba para referir-se a ela, a boneca mente sobre o que realmente fez a cozinheira ir para Lua junto com as crianças, que na verdade foi enganada por elas ao cheirar o pó pirlimpimpim achando que era rapé. No trecho onde ocorre a mentira, vemos:

-Pois quero experimentar, sim-disse a negra. – O coronel chupa *êsse* rapé com tanto *gôsto*, que sempre tive desejo de ver se a marca é boa-e assim tomou o pó que o menino lhe apresentava e sem desconfiança aspirou-o (LOBATO, 1962a, p.35).

A ideia de mentir foi de Emília que, anteriormente, cogitou levá-la a força até a Lua. “-Pois levemo-la à força-Sugeriu Emília.” (LOBATO (A), 1962, p.33). Ou seja, foi insinuado um possível sequestro a idosa.

Sinhá

Outro fato que chama nossa atenção na leitura da obra é que em diversas passagens Tia Nastácia intitula Dona Benta como Sinhá, palavra usada por escravizados para referir-se a versão feminina de “senhor”. O fato de Tia Nastácia chamar a Dona Benta dessa forma é colocado na obra como uma nomenclatura costumeira. Como vemos nos trechos a seguir: “-Nisto a voz de Dona Benta soou lá na sala, chamando-a. Já vou, Sinhá! - Respondeu a preta....” (LOBATO(A) 1962 p. 161) e em:

-Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno...A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental. - Que é, sinhá? – perguntou.- A boneca de Narizinho está falando!...A boa negra deu uma risada gostosa, com a beicaria inteira.- Impossível, sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com *mecê*.(...) A negra abriu a maior boca do mundo. (LOBATO 1921e P. 20 apud DUTRA, 2009, p.5).

Assim, percebemos nestes diálogos a presença de analogia ao período escravocrata. Dona Benta parece não se importar com essa designação e atende pelo

termo Sinhá. Em outra passagem, notamos a avó de Narizinho corrigindo incessantemente a cozinheira:

-Depois, quer saber quem apareceu? Apareceu São Jorge em pessoa, Sinhá, vivíssimo, com uma espécie de pratão de ferro -Prato-travessa-no braço. Devia ser um escudo, Nastácia- ... disse Dona Benta -E um pau comprido de ponta pontuda na mão. - Devia ser lança, Nastácia. (LOBATO, 1962a, p.161).

A relação de ambas também possui ambiguidades, ainda assim, o autor faz questão de demonstrar que Tia Nastácia não se importa em ser subalterna e até há uma relação de amizade entre as duas para mascarar alguns aspectos. É interessante vermos mais um exemplo da ambiguidade da obra em um trecho de *Caçadas de Pedrinho* (1962), no qual apresenta Tia Nastácia fazendo sua reivindicação, “-Tenha paciência-Dizia a boa criatura. Agora chegou a minhas vezes. Negro também é gente, Sinhá....” (LOBATO, 1962c, p.114). No trecho, ela refere-se ao fato de também poder se divertir montando no Rinoceronte, novo membro do Sítio.

5.2.2 Medo do Saci

No início do livro *O Saci*, temos uma fala de Pedrinho em que ele insinua e confessa que possui certo medo de criaturas como o Saci, mas não é apenas ele que possui esse medo, veremos, no trecho a seguir, que a maioria dos meninos da cidade e da roça possuem esse medo pela criatura:

E também há Sacis-rematou Dona Benta. Pedrinho calou-se. Embora nunca o houvesse confessado a ninguém, percebia-se que tinha medo de saci. Nesse ponto não havia diferença entre ele, que era da cidade e os demais meninos nascidos na roça. Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias correntes a respeito do *endiabrado* moleque duma perna só. (LOBATO, 1962b, p.184).

-Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há - mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci.” (LOBATO, 1962b, p.184).

A problemática encontrada na sua presença no sítio e toda relação entre ele e Pedrinho, que constrói sua camaradagem com a pequena criatura através da premissa de que se tem entre uma relação de *senhor-escravo*, como vemos nos trechos a seguir “Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci, fica por toda a vida senhor de um

pequeno escravo.” (LOBATO, 1962b, p.184) e em “Contou seu projeto a Narizinho e longamente discutiu com ela sobre o que faria no caso de escravizar um daqueles terríveis capetinhas.” (LOBATO, 1962b, p. 194), ambas as frases demonstram uma relação de poder entre os personagens. Em meio a discussões, ambos criam uma relação de amizade, vista no trecho: “Pedrinho soltou o saci e durante o resto da viagem tratou-o mais como um velho camarada do que um escravo” (LOBATO, 1962b, p. 220). Apesar dessa mudança na nomenclatura do Saci, as relações se mantêm.

Partindo do momento em que o menino captura o Saci, temos na narrativa uma história de senhor-escravo, em que saci, o *escravo*, mostra para o Pedrinho, o senhor, a mata e seus mistérios, dos duendes à sucuri, passando pelas famosas lendas brasileiras. Saci sabe tudo sobre o lugar e ajuda sempre Pedrinho a escapar de momentos de perigo, como a presença da onça. Saci também é a porta de entrada para outras lendas brasileiras, como a Mula sem cabeça, boitatá, curupira, Iara, Negrinho do Pastoreio (que na história se chama apenas negrinho). Enquanto Pedrinho, o senhor, se vê encantado e como um grande descobridor do local. Ao final, após Saci ter grande importância na soltura de Narizinho das garras da Cuca, o serzinho se liberta, deixando uma cartinha de despedida. Pedrinho é aplaudido pelos moradores do Sítio por ter salvo Narizinho, mas, imediatamente, reconhece que sem Saci não teria salvo sua prima.

5.2.3 Relação entre personagens negros

Pouco se vê da relação entre os personagens negros, dentre os livros lidos, o diálogo é encontrado em apenas uma passagem. Tio Barnabé é descrito como um grande conhecedor de coisas do mato, mas apenas uma passagem demonstra o diálogo as referências sobre os personagens, o principal relacionamento dado entre os três personagens é no Livro o Saci, a troca de referências inicia por Pedrinho, quando decidiu saber mais sobre o Saci, ele procura Tia Nastácia, que se apavora quando ouve sobre o Saci “ Credo!”, mas logo orienta o menino a procurar um negro velho, colaborando para a construção do personagem, ela tece elogios a Tio barnabé, sobre o fato dele ser muito sabido:

[...] Nunca vi nenhum, mas sei quem viu. -Quem? - O Tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de *tôdas* as feitiçarias, e de Saci, de mula-sem-cabeça, de lobisomem-de tudo. (LOBATO,1962b, p.184).

O diálogo segue para a apresentação de Tio Barnabé, que recebe a visita de Pedrinho em seu rancho. O idoso conta sobre as vezes que viu o Saci e nos dá pistas sobre o tempo em que, possivelmente, era um escravizado:

-Pois, Seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que “*existe*”. Gente da cidade não acredita – mas “*exéste*”. A primeira vez que vi Saci eu tinha assim sua idade. Isso foi no tempo da escravidão, na fazenda de Passo Fundo, que era do que defunto Major Teotônio, pai dêsse Coronel Teodorico, compadre de sua avó, Dona Benta. Foi lá que vi o primeiro Saci. Depois disso, quantos e quantos!... (LOBATO, 1962b, p.186)

Pedrinho tem nove anos na história, portanto, se Tio Barnabé relata que tinha a idade dele quando viu o Saci pela primeira vez, o ano seria 1850, 38 anos antes da assinatura da abolição. A conversa entre ambos continua e Tio Barnabé conta que já teve um Saci na Garrafa, mostrando seus conhecimentos sobre a criatura, explicando também que Saci não faz grandes maldades, só coisas que tem pequena influência no cotidiano. Temos, em uma passagem, a narração da vez em que o Saci invadiu a casa de Tio Barnabé e da vez que o mesmo escapou da residência.

Já tive saci na garrafa, que me prestava muitos bons serviços. Mas veio aqui um dia aquela mulatinha sapeca que mora na casa do compadre Bastião e tanto lidou com a garrafa que a quebrou. Bateu logo o cheirinho de enxôfre. O pernetá pulou pra cima da sua carapuça, que estava ali naquele prego, e “até logo, tio Barnabé (LOBATO, 1962b, p.194).

O termo “mulatinha” é empregado num sentido pejorativo na frase e direciona nossas reflexões a pensarmos que a fazenda vizinha a de Dona Benta também mantém empregados negros. Nos trechos demonstrados na análise, notamos que os três personagens são colocados em uma sequência de informações e que ambos vão repassando informações sobre o outros. A relação entre Tio Barnabé e Tia Nastácia é dada pelo intermédio do Pedrinho, assim como a do Tio Barnabé e o Saci, na história. Uma das táticas usadas no período escravocrata para não permitir laços profundos entre os negros escravizados e evitar revoltas, era a tentativa de distanciamento dos negros ou a fiscalização dos diálogos entre eles. Obviamente, no Sítio, os personagens do Tio Barnabé e Tia Nastácia dialogavam, pois ambos trabalhavam e as funções eram parecidas, mas essa relação não foi encontrada nos livros analisados.

Outro ponto que vamos analisar é o uso de falas de personagens brancos para legitimar as falas e atitudes de personagens negros, voltando ao modelo de hierarquização das relações raciais. Do mesmo modo, que as culturas vistas como inferiores só são

ouvidas e valorizadas se apresentarem aval de alguma cultura percebida como superior, no caso das falas de Tia Nastácia serem legitimadas ou deslegitimadas pelas falas de Dona Benta. É importante destacarmos que a palavra negra/negro era compreendida como algo ruim, pejorativo, ofensivo e, comumente, usada com sentido de menosprezar a cor da pessoa. E era dita de forma mais nítida quando algum personagem negro fazia algo condenável. Atualmente, a palavra foi ressignificada com o objetivo de permitir que as pessoas negras/pretas tenham orgulho da sua cor e não vergonha e desprezo. Muitas histórias são distorcidas pela visão racista dos povos colonizadores que criam essas concepções demoníacas e estereotipadas, como crer que tudo que é de origem africana é *mal*, para justificar os processos de escravização de povos, com base na tipificação das práticas que argumentam que a destruição desses povos é para torná-los civilizados. Assim são as relações do Sítio que, na maioria do tempo, coloca em posição inferior o negro e todos os elementos de sua cultura, já o branco é apresentado como superior e civilizado.

Na obra, vemos que tanto Tia Nastácia e Tio Barnabé contam suas histórias, com auxílio apenas da oralidade, mas Tio Barnabé não foi repreendido ou rebaixado ao contar histórias, afinal Pedrinho teve a comprovação de que o Saci existia ao ter capturado um, mas em nenhum momento sua palavra foi posta à prova ou contestada, ao contrário de Tia Nastácia, que, como já analisamos antes, teve suas histórias ridicularizadas. A distinção de gênero atravessada pela de raça entre os personagens é posta à prova, visto que a personagem feminina tem suas histórias desrespeitadas e o personagem masculino, não. Mas em questão de convívio, a personagem feminina é colocada na convivência da família de Dona Benta para afazeres domésticos, enquanto o personagem masculino é alocado em um rancho distante para afazeres mais roceiros.

5.3 Inferiorização da cultura afro-brasileira e do povo.

A seguinte categoria pretende analisar como a obra de Lobato inferioriza, desvaloriza e desqualifica, a cultura afro-brasileira e popular. No processo analisamos as três personagens negras, atentando a sua posição na história, assim como todas as referências às culturas negras, a tradição oral e as comparações com a cultura europeia. Um dos livros que mais constatamos esses aspectos e que foi relevante para a construção dessa categoria, foi o *Histórias de Tia Nastácia* (1962).

5.3.1 Presença da oralidade nos contos

“E esta! - Exclamou Emília olhando para dona Benta. -As tais histórias populares andam tão atrapalhadas que as *contadeiras* contam até o que não entendem.” (LOBATO, 1962d, p. 29).

A frase dita por Emília, após ouvir mais uma das histórias orais de Tia Nastácia, exprime o teor preconceituoso da boneca ao não se satisfazer com o que acabara de ouvir. Em *Histórias de Tia Nastácia*, vemos a cozinheira recebendo inúmeras críticas e comentários maldosos sobre a qualidade de suas histórias, que trazem traços de uma cultura com influências de contos afro-brasileiros e africanos, sendo que a maioria das histórias se enquadram no gênero fábula. O livro tem por objetivo dar voz a Tia Nastácia, onde os personagens de Dona Benta, Pedrinho, Narizinho e Emília, sentam-se para ouvir as histórias relatadas por Nastácia que são passadas de geração em geração. Todas fazem parte das criações do povo e não são encontradas em livros, como as histórias contadas por Dona Benta.

Ao que parece, Lobato pretende dar a chance da Nastácia de contar suas histórias e com isso trazer as contribuições dos descendentes de escravizados africanos para a construção da identidade nacional. No início do livro, temos uma breve introdução do conteúdo dos contos, através da indagação e explicação do significado da palavra folclore, “- Dona Benta disse que *folk* quer dizer gente, povo; e *lore* quer dizer sabedoria, ciência.” (LOBATO, 1962d, p. 1). Nosso folclore, por exemplo, é composto por atributos culturais africanos, indígenas e portugueses, mas, infelizmente, as duas primeiras culturas citadas sofreram e sofrem apagamentos e apropriações que afetam a preservação e valorização de suas histórias.

A problemática está na arquitetura do livro que é quase a mesma para todos os contos, pois a cozinheira narra histórias e, ao final de cada uma, recebe inúmeras críticas quanto ao teor e qualidade linguística das histórias. Novamente Emília é a que concentra as piores falas. Tia Nastácia, por sua vez, não retruca as falas dos personagens e continua a contar os contos. Sua subalternidade nesses momentos é posta em evidência, como no trecho “Vá, Nastácia, conta uma história inventada pelos negros.” (LOBATO, 1962d, p. 116). Estas histórias, explicou Dona Benta, foram criadas pelos índios e negros do Brasil, pela gente que vive no mato. Por isso, aparecem tantos animais, cada um com uma psicologia que os homens do mato lhe atribuíram. Dona benta justifica a qualidade das

histórias para as crianças, logo após uma delas considerar a história muito conservadora, a idosa conta que isso se deve ao fato de o povo ainda conter influência aos primeiros colonizadores:

- Por causa do analfabetismo. Como não sabem ler, só entra na cabeça dos homens do povo o que os outros contam- e os outros só contam o que ouviram. A coisa vem assim num Rosário de pais e filhos. Só quem sabe ler, e lê os bons livros, é que se põe de acordo com os progressos que as ciências trouxeram ao mundo (LOBATO, 1962d, p. 85).

Além de Dona Benta, aparentemente, culpabilizar o povo pelo seu analfabetismo, também faz uma explanação da realidade da época. Sobre a educação do país, STANCIK aborda sobre os objetivos eugenistas impostos na educação do país no início do século XX:

No seu entendimento, a educação era uma ferramenta capaz de impor novos hábitos, mas dependia da prévia alfabetização. Segundo Vasconcellos, um analfabeto não teria condições de tirar proveito da instrução higiênica. O analfabetismo o impossibilitaria de ter acesso aos saberes higiênicos, fazendo com que permanecesse dominado pelos saberes populares, os quais o tornaram doente, degenerado, improdutivo. E uma raça nessas condições condenaria a nação ao atraso (STANCIK, 2006, p.34.)

Em seu texto o autor cita ainda que alguns idealistas eugênicos previam capitalizar a educação e relata como ela foi, por vezes, usada como ferramenta para disseminação do higienismo, que via no embranquecimento de diversas áreas e atividades sociais a solução para o crescimento do país.

5.3.2 A cultura do povo e a cultura europeia

É constante o rebaixamento dos elementos culturais advindo das culturas negras na obra, que colocam autores europeus para servir de parâmetro para determinar que esses elementos são dignos de respeito ou merecem ser desrespeitados.

Muitas comparações entre as culturas são feitas através da comparação do popular com as de origem europeia, essas comparações são seguidas e há muitas referências ao povo, o que temos que nos atentar é ao fato de que as camadas populares no Brasil são compostas, majoritariamente, por pessoas negras, ainda hoje temos essa realidade, portanto nos anos de 1920 e 1940 essa porcentagem era ainda maior. Emília ao tecer a frase “[...] - Essas histórias folclóricas são bastantes bobas- disse ela- Por isso é que não sou “democrática!” Acho o povo muito idiota” (LOBATO, 1962d,p.13). A boneca, muitas vezes, não fala que não gostou da história por ela ser originária de povos negros,

até porque no início do livro é explicado que é o folclore, ou seja, da mistura de povos do Brasil, mas pelo o que já interpretamos das ideias de Emília, ela está desvalorizado a cultura de povo formada por negros. Com frequência, ofensas à classe são encorpadas à raça e vice-versa, ou, como muito acontece, o negro e o pobre são vistos como aglutinados sempre. Mostrando que o racismo é um sistema tão articulado que, mesmo o negro ascendendo socialmente, continua sofrendo racismo.

No decorrer do livro histórias de Tia Nastácia, temos contato com as mais diversas narrativas, muitas trazendo uma lição de moral ao final ou para explicar a origem de algum fato da natureza. Os ilustres personagens animais, muitas vezes, repetem-se criando um grande enlace, todos com o objetivo de mostrar que em certo momento nos damos bem e em outros nem tanto. Mas o que a maioria delas nos trazem é o fato que a humildade e esperteza sempre vencem e atitudes sacanas como a da onça em “O macaco, a onça e o veado” são dignos de punição. No conto, a onça enganou o veado fazendo um dono da fazenda assassinar o veado, crente que o mesmo comeu uma de suas ovelhas, mas, na verdade, quem havia devorado a ovelha foi a onça que armou para culpar o veado. Ao final da história, a mesma onça tenta enganar o macaco que, por sua vez, é mais esperto que o felino e mostra ao dono da fazenda a verdadeira culpada pela morte de suas ovelhas, por fim, a onça morreu. Lobato (1962d). Essa é uma das 44 histórias trazidas no livro e que recebem comentários dos ouvintes, a história em si não recebeu duras críticas e sim observações sobre a personificação da onça, como um animal de força bruta e cruel e nas histórias populares os caçadores aproveitam para vingar-se dela, mas Tia Nastácia, ao dizer que o destino dos cordeiros é a panela, é ofendida por Emília que ao ouvir essa frase logo a chamou de negra beijuda. Dona Benta, dessa vez, reprime a boneca que revira mostrando-lhe a língua.

Os comentários e críticas sobre as histórias contadas por Nastácia são na sua maioria remetentes a outras histórias trazidas por Dona Benta, os autores dessas histórias são lembrados e citados, numa relação de “superior” e “inferior”, que, no caso, as histórias de origem popular são tidas como inferiores e as de origem europeia como superiores. Os trechos a seguir mostram essas comparações. “[...] Esses versinhos de o fim são a maior bobagem que ainda vi. Ah, meu deus do céu! Viva Andersen!” Viva Carroll!”. (LOBATO, 1962d, p.30) Andersen e Carroll são autores europeus que escreveram obras como o patinho feio e Alice no país das maravilhas e ainda cita o autor e Peter Pan, outro europeu, segundo ela “Sendo coisas do povo, eu passo. – Emília (LOBATO, 1962d, p.22).

Veremos a seguir outro trecho que, além de comparar, ofende Tia Nastácia, chamando-a novamente de negra beijuda.

-Pois cá comigo-Disse Emília-Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras-coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto. (LOBATO, 1962d, p. 30).

A boneca conclui expressando nítido descontentamento e pouco se importando com o que Tia Nastácia poderia sentir ao ouvir uma frase dessas. Emília faz questão de exaltar os autores que Dona Benta mostrou, no trecho a seguir vemos essas comparações, dessa vez quanto a falta de delicadeza do povo:

-É o que eu digo – Ajuntou Emília. – O povo, coitado, não tem delicadeza, não tem finuras, não tem arte. É grosseiro, tôsko em tudo que faz . Este livro vai ser só das histórias populares do Brasil, mas depois havemos de fazer um só de histórias compostas por artistas, das lindas e cheias poesias e mimos – como aquela do *Príncipe Feliz*, do tal Oscar Wilde, que Dona Benta nos leu. Aquilo sim. Até deixa a gente leve, leve, de tanta finura e beleza.” (LOBATO, 1962d, p.63)

O trecho nos mostra sobre essa extrema comparação entre as culturas, afim de colocar sempre uma cultura inferior como ou superior a outra, nesse caso, o comentário de Emília foi proferido após ouvir uma das histórias de Tia Nastácia, a boneca, que se refere ao povo para tecer a sua crítica, faz uma comparação sobre delicadeza das histórias de origem europeia contra a grosseria expressado pelo povo. Essa volta aos estereótipos, exemplificado por Dyer do preto/branco, intelecto/emoção, natureza/cultura. (HALL, 2016, p.184). Hall ainda nos ajuda a entendermos mais sobre essas colocações, o autor argumenta:

Algum aspecto da mesma ambivalência pode ser detectado em relação a outros temas, Dyer argumenta, tais como a representação da negritude como *folk* e aquilo que ele pode chama de “atavismo” (que definimos abaixo). Supunha-se que a intensidade emocional e a “autenticidade” dos artistas negros ofereciam uma sensação genuína das tradições folclóricas(*fulk*) do povo negro-*folk*, aqui, significa espontaneidade e naturalidade em oposição à “artificialidade” da alta cultura (HALL, 2016, p.184).

No caso do Sítio, a entrada das histórias de Tia Nastácia é uma forma de oportunizar aos ouvintes um contato com outras culturas e que as histórias também são atravessadas pelas ambiguidades do contato dos personagens brancos com a cultura do povo, trazida por Tia Nastácia. Para nos ajudar a compreendermos esse processo, trataremos a definição de *etnocentrismo* “a aplicação de normas da própria cultura para os outros” (BROWN, 1965, p. 183 apud HALL 2016, p.192).

E, infelizmente, o respeito pelas histórias só é compreendido através das falas de Dona Benta que media a conversa quando alguma dúvida surge, ou seja, algumas narrativas necessitam da mediação de uma pessoa branca para serem respeitadas pelos seus netos brancos, como se necessitasse sempre de uma aprovação e tradução. Os últimos contos são de Dona Benta, que toma o lugar de contadora de Tia Nastácia, enquanto a cozinheira é mandada para cozinha, sem a chance de escutar as histórias que Dona Benta conta. Mas dentre os livros analisados não são apenas as histórias que são colocadas nessa linha entre inferior e superior, no trecho a seguir veremos um exemplo desse rebaixamento:

[...] Encontrar as outras constelações já são mais difícil-Exige prática; Mas o Cruzeiro até a boba da tia Nastácia descobre no Céu. Não há Caboclo da roça, nem há negro da África, nem atraente da Argentina, nem gaúcho do Uruguai, nem índio de todas as repúblicas da América do sul, nem selvagem australiano, nem negro do congo, Moçambique ou Hotentótia, nem bôer da Colônia do Cabo, nem papua da Nova Guiné, que não conheça o Cruzeiro (LOBATO, 1962a, p. 23).

A inteligência desses povos é posta em um nível baixo, ao dizer que encontrar o cruzeiro do sul é algo tão fácil que até povos como os selvagens australianos, indígenas sul americanos e negros do Congo podem ver. Aqui vemos uma inferiorização de diversos povos pelo mundo e até mesmo a Hotentóia, região de origem da Vênus de Hotentote¹¹. O congo já foi citado outras partes do livro Histórias de Tia Nastácia:

-Está história se parece com as nossa daqui-disse Narizinho. -Bem bobinha. Sim, mas que havemos de esperar dos pobres negros do Congo? Sabem onde é o Congo? -Sei-disse Pedrinho. -É quase no centro da África, do lado daquela costa que o Senhor Pedro Álvares Cabral evitou de medo das calmarias. Há o Congo belga e o Congo

¹¹ Caso analisado por Hall, em seu livro “Cultura e representação”. “Saartje Baartman(mulher africana, conhecida como a “Vênus Hotentote” tornou-se a personificação da “diferença”. Além do mais, a diferença foi “patologizada”, isto é, representada como uma forma patológica de “alteridade”. Simbolicamente, ela não se encaixava na norma etnocêntrica aplicada às mulheres europeias e, estando fora de um sistema classificatório ocidental sobre como “às mulheres”, ela teve que ser construída como ‘outro”. (HALL, 2016, p. 203)

francês. E sei também que cá para o Brasil vieram muito escravos desses Congos. É verdade. O pobre Congo foi uma das zonas que forneceram mais escravos para América, e modo que muitas histórias das nossas negras hão de ter raízes de lá. Quem sabe se tia Nastácia é d Congo? -lembrou Narizinho. (LOBATO, 1962d, p.188)

Novamente os povos negros são colocados como inferiores, a história ao qual os personagens se referem é contada por Dona Benta, o conto intitulado “A história dos macacos”, em que os animais recebem uma lição dos seres humanos por maltratem o chefe da tribo. Nos comentários das crianças não há nenhum comentário ofensivo a Dona Benta e vemos que automaticamente assemelham Tia Nastácia, que não está presente a uma história bobinha.

Essa interiorização encontra-se também nos adjetivos embrenhados nas falas das personagens, como é caso dos trechos que contam a reação de Tia Nastácia ao chegar na Lua “A negra, ainda tonta, olhou para o menino com expressão idiotizada. (LOBATO, 1962a, p.39) e em trechos trazidos por outros personagens:

Todos tomaram café, menos Cinderela. - Só tomo leite – explicou a linda princesa. Tenho medo de que o café me deixe morena. - Faz muito bem-disse Emília. Foi de tanto tomar café que tia Nastácia ficou preta assim (LOBATO, 1921e, p.101 APUD DUTRA, p. 2009).

Notamos que o fato de se tornar “morena” é tido pela princesa como algo ruim, expressando nítido racismo em sua fala, por outro lado, Emília, automaticamente, aproveita-se da situação para usar a cor de tia Nastácia como um aspecto negativo da idosa. E no trecho “-É guerra das boas. Não vai escapar ninguém – Nem tia Nastácia, que tem carne preta.” (LOBATO 1962c, p.30), referindo-se ao ataque que as onças fariam ao Sítio e cogitando que Tia Nastácia ficaria de fora pela cor de sua pele, caso as onças não estivessem famintas. Assim, pelas falas do personagem nem a onça que é um animal carnívoro iria querer a sua pele preta. Na obra, vemos a dualidade no uso da palavra preta/negra, há diversos trechos, em destaque, os que se referem a Tia Nastácia, que sua cor é colocada em questão. Aparece também acompanhada de algum adjetivo depreciativo ou que ela própria se inferioriza “Sou uma pobre negra que nunca fez outra coisa na vida senão trabalhar na cozinha para Dona Benta e estes seus netos. [...]” (LOBATO, 1962^a, p. 62) e também para adjetivar a atitude alguém “E retirou-se furiosa da vida, a resmungar que nem uma negra beijuda”. (LOBATO, 1921e, p.11 APUD DUTRA, 2009, p.3). No último trecho, é colocado como caráter pejorativo a palavra negra. Essa assimilação da palavra negro com aspectos ruins são estratégias do grupo

hegemônico para manter a imagem do negro como ruim e malignas, em contrapartida, as imagens do branco como bom, correto e modelo universal para as coisas. Temos inúmeros exemplos dessas colocações da palavra negra em coisa negativas, como “magia negra”, “serviço de preto” e “não sou tuas negras”.

Outros aspectos elencados na análise são a comparação e a assimilação do negro com animais e objetos de cor preta, objetivando a ridicularização. Como vemos em “tartaruga, quieta, quieta...- Veja, Emília, que desgraça! – gritou Narizinho em lágrimas. Vovó é aquele bicho cascudo que está na rede! Nastácia é aquela horrenda galinha preta que mais parece urubu” (LOBATO, 1962c, p.58), em ambos os trechos Nastácia é assimilada a animais e até a comida, não só pela Emília, mas por outro personagem, no trecho também nota-se o uso da palavra beijo para referir-se a um animal, como já exemplificamos na categoria de construção de Tia Nastácia.

Em contrapartida, o movimento negro buscou retirar todas essas imagens negativas e voltar a positividade da construção da identidade do negro, esse movimento de ressignificação foi tão forte que há uma reivindicação de pessoas negras, principalmente, negros de pele mais clara de se autodeclararem e não serem mais chamados de morenos, mulatos ou pardos.

Após a análise dessa categoria, vemos a forma como o racismo se articula na obra, pois Emília profere palavras racistas a cozinheira sem ao menos se preocupar com o que ela pensa ou em como irá se sentir. A boneca aproveita-se da posição subalterna que Nastácia se encontra para xinga-la e só é reprimida, em alguns casos, por outro personagem.

5.3.3 A finalidade da construção e representação dos negros na história.

Dentro da literatura infantil, é recorrente o estereótipo do negro e da negra boazinha, que serve para abafar todo o processo histórico cruel que tivemos devido a exploração de povos, vítimas da colonização europeia. Nas histórias infantis, os personagens negros vistos como “legais” e “bondosos” são, em sua maioria, personagens que estão sempre dispostos a colaborar e ceder aos pedidos dos personagens brancos, mesmo que essas tarefas e atitudes remetem à servidão ou que não dignificam o ser humano. Já os personagens que não se enquadram nesse ideal são vistos como maldosos, rancorosos e vingativos. Lembramos que isso vale também para os elementos, traços e costumes da cultura afro-brasileira, que, muitas vezes, são representados como algo demoníaco,

inferior e que não valorização. Isso quando processos não buscam fixar essas características, como nos explica HALL(2016):

A prática de reduzir as culturas do povo negro a natureza, ou **naturalizar** a “diferença” foi típica dessas políticas radicalizadas da representação. A lógica por trás da naturalização é simples. Se as diferenças entre negros e brancos são “culturais”, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são “naturais”, como acreditavam os proprietários de escravos -, estão além da história, são fixas e permanentes. A “naturalização” é, portanto, uma estratégia representacional que visa *fixar* a “diferença” e assim *ancorável* para sempre (HALL, 2016, p. 171).

No caso do Sítio, são naturalizadas as práticas como o da Tia Nastácia de contar histórias que eles consideram bobas, além dela ter de estar sempre disposta a cozinhar bolinhos de chuva. Assim como as falas de nítido racismo referidos a ela, como o de ridicularizar a cozinheira ao compararem algo que não deu certo ou é bobo a figura dela. Nesse subcapítulo, traremos alguns exemplos de representações de personagens negros e as formas que foram construídas, a fim de identificarmos os mesmos processos dentro do Sítio. Eles são usados constantemente nas telenovelas, filmes ou séries e demoraram anos para serem mudados e substituídos por representações mais próximas da diversidade que é ser uma pessoa negra.

O autor Joel zito de Araújo (2000) elenca estereótipos da cultura negra, assim como Stuart Hall ao citar Dongle. Araújo (2000) faz a análise desses estereótipos nas telenovelas brasileiras e identifica a presença deles, ou seja, uma adaptação brasileira dos estereótipos de negros nos EUA. Nesta pesquisa, optamos por trabalhar de forma mais aprofundada dois desses estereótipos descritos por Araújo e diversos outros autores.

Estereótipo aplicado a Tia Nastácia

A história por trás desse estereótipo é de uma mulher negra, gorda, corpulenta, por vezes medrosa, que possui um amor incondicional à família branca, inspirou a existência de um estereótipo recorrente de mulheres negras nos meios de comunicação e entretenimento, sendo uma delas a Tia Nastácia, que recebe o título de negra de estimação em um trecho da obra. Um dos exemplos mais “famosos” e, considerado como o primeiro, foi a personagem *Mammy* de “*E o vento levou*”, interpretada pela atriz Hattie McDaniel. Esse estereótipo foi importado para o Brasil, tendo sua primeira aparição na telenovela o

“Direito de nascer”¹², produzida pela extinta Rede Tupi, dirigida por Félix Caignet adapt. Telma de Oliveira e Teixeira Filho, em 1964/1965. A novela teve uma boa repercussão trazendo visibilidade aos atores e fazendo da personagem Mamãe Dolores, interpretada por Isaura Bruno, uma das mais queridas do Brasil. Mas essa visibilidade, infelizmente, não foi suficiente para a atriz deslanchar na carreira. Que interpretou a mesma personagem em mais duas telenovelas. Segundo ARAÚJO (2004):

Isaura Bruno imortalizou-se pela *performance* dessa mãe de criação, uma personagem que parece a combinação perfeita entre dois estereótipos; a clássica mãe negra-presente na literatura e no teatro brasileiro desde o período da abolição da escravatura, caracterizada pelo amor extremo ao filho e abnegação de qualquer outro relacionamento social e amoroso a *mammie*, transposição de um estereótipo norte-americano de sucesso (ARAÚJO, 2004, p. 86)

No sítio do Picapau amarelo temos uma lembrança do período escravocrata, em que havia as *amas-de-leite*, escravas que retiradas da convivência com os próprios filhos recém-nascidos, eram usadas para alimentar o filho branco do senhor. A ideia criada envolta dessa prática era de que o leite das escravizadas era mais forte e, portanto, ideal para o crescimento das crianças brancas. A ama, ao invés de ódio e revolta, era dada aos sentimentos de lealdade, resignação, subserviência e amor maternal.

Quando em contato com a criança branca, que lhe fora entregue para amamentar, “o vagido da recém nascida lhe tocou a alma”, e a negra passou então a adorá-la tal qual um filho nascido de suas entranhas: “esquecendo-se do mal que lhe faziam pelo bem que ia prestar, tomou a criancinha, chegou-a ao seio e a amamentou devotamente (RONCATO, 2008, p. 130).

Em contrapartida às representações do negro como o “mau”, vingativo e que se dá mal no final por ultrapassar o que lhe foi imposto pelo grupo hegemônico, os negros “bonzinhos” como a *mammie* ou mãe preta, recebem grande notoriedade nas telas norte americana e posteriormente brasileiras. Esses personagens eram preferidos, pois não materializaram nenhuma ameaça a família branca: “Além disso, sua índole fiel, mais devota às demandas da casa-grande que aos interesses da própria senzala, distanciava-a igualmente da figura do escravo revoltado, e vingativo.” (RONCATO, 2008, p.135). A

¹² A narrativa da telenovela “Direito de nascer”, conta a história de jovem branco, que fora adotado por uma mulher negra quando criança e que ao retornar para Brasil, após ter se formado em Medicina, apaixonou-se por uma moça, que conscientemente é sobrinha de formado em Medicina, apaixonou-se por uma moça, que conscientemente é sobrinha de sua mãe biológica.

mãe preta foi constantemente lembrada nos textos escritos por autores modernistas nas décadas de 1930 e 1960, que tendiam a escrever sobre suas lembranças da infância.

Apesar da erradicação da ama-de-leite no Brasil, devido ao sucesso das campanhas higienistas do final do século XIX, as donas de casa jamais deixaram de empregar uma mãe de criação, criadeira, ou babá com quem pudessem “dividir” o encargo das tarefas maternas. Portanto, era necessário para essas trabalhadoras domésticas modelos profissionais que resistissem o estereótipo da subserviente mãe-preta (RONCADOR, 2008, p.149). As *mamies* da atualidade se escondem em personagens que servem como respiro humorístico e é atualizado e realocado no estereótipo da empregada doméstica.

Trazemos mais um exemplo da atual presença desse personagem nas produções comunicacionais atuais. A telenovela “O outro lado do paraíso”, exibida pela Rede Globo em 2017-2018, ocupando as transmissões do horário nobre, escrita por Walcyr Carrasco, Nelson Nadotti, Vinícius Vianna e direção geral por André Felipe Binder¹³. No penúltimo capítulo, o personagem Mariano de Assis, interpretado pelo ator Juliano Cazarré, profere no tribunal “Ela é minha mãe-preta”, fazendo referência a personagem Otacília Formiga, interpretada pela atriz Zezé Motta, líder quilombola de uma comunidade tradicional próxima a Palmas, cidade em que se passa a telenovela. O motivo que o personagem encontra para chamá-la assim é que a mesma o salvou de uma facada da morte, já que o mesmo havia sido enterrado vivo após ser esfaqueado pela assassina da trama. Observamos que o personagem se sente confortável e vê como um agradecimento intitula-la como sua mãe, dando a impressão de que é uma honra e elogio a ela. Apesar da novela dar atenção a existência das comunidades tradicionais, a produção errou ao trazer um estereótipo tão prejudicial para representação de mulheres negras, onde vemos a retomada de um estereótipo que remete a servidão do povo negro.

E para aproximar e demonstrar que ele não está erradicado e distante da realidade, trazemos ao trabalho um exemplo pessoal da retomada desse estereótipo, ocorrido ao participar de uma reunião para tratar de assuntos referentes à assistência estudantil, com técnicos administrativos da Universidade Federal de Santa Maria, ao qual faço parte, como discente, em que fui exposta a uma atitude extremamente racista e discriminatória de um dos técnicos, de cor branca. O técnico inicia sua fala contando que não possui

¹³ A cena se passa no dia 11 de maio de 2018, capítulo 172, aos 08:50 o link para acesso a cena encontra-se nas referências.

preconceitos e a fim de comprovar que convive plenamente com pessoas negras, referindo-se a relação que o mesmo tem como sua secretária, de cor preta, ele proferiu a seguinte frase: “ A minha relação com ela é ótima, eu abraço, beijo e demonstro carinho, sem discriminação alguma, até por que considero ela a minha ‘Mãe preta’”. O técnico não vê problema algum na frase dita e não permite que eu o corrija e nem que aponte seu erro.

O que observamos dessa atitude é o recorrente uso desse estereótipo como elogio e a banalização do peso que essa nomenclatura possui, com isso percebemos que ainda precisamos debater sobre frases de cunho racista e que devemos retirá-las do vocabulário do país. Mas retomando ao conceito de racismo individualista e institucional de ALMEIDA(2018), compreendemos que o técnico cometeu um ato racista individual, mas que ele não sentiria a vontade de falar essa frase se não vivesse em um sistema que o privilegia, ou seja, a retomada desse estereótipo não se deve apenas ao fato do técnico ser racista, mas sim, a instituição ao qual ele faz parte. No momento, eu não fui a única pessoa negra que sentiu desconforto com a frase, pois a outra mulher negra que estava presente também se incomodou, mas nenhuma de nós sentiu-se confortável o suficiente para corrigi-lo afinal, a estrutura imposta na reunião era baseada no nosso silenciamento, pois o desconforto ocorreu durante a reunião. Trazemos, com esse exemplo, que o fato de o técnico não ter visto problema algum em sua frase é porque o mesmo trabalha em uma instituição que permite a ele ser racista, ou seja, racismo institucionalizado, já que as inúmeras reivindicações de alunos negros na melhoria de sua permanência e, conseqüentemente, na inserção de uma educação antirracista dentro da instituição, não são atendidas, pois se o debate sobre racismo institucional fosse presente, os demais técnicos não concordariam com a frase e com os inúmeros silenciamentos ocorridos durante a reunião.



Figura 6. Otacília Formiga e Mariano de Assis (Fonte/Rede Globo)

Retomando aos aspectos da construção da personagem Tia Nastácia, o problema não está na própria Tia Nastácia, mas sim na sua representação que vem embrenhada a subalternidade e carrega consigo o estereótipo da mãe preta. Sua inserção dessa forma na história, torna-se perigosa ao colocar como natural uma mulher, negra e idosa como *mamie* e negra de estimação, essa colocação gera automaticamente uma imagem distorcida de muitas mulheres que viveram na época do Sítio e nos dias atuais. O leitor, ao folhear as páginas em que a personagem aparece, pode simplesmente normalizar toda construção da personagem e de suas tarefas no sítio. E interpretar que ela é assim porque é natural. Sendo que é exatamente o objetivo dos estereótipos, isto é, fixar em poucas características de um povo e tomá-las como sendo universais Hall (2016).

Esse estereótipo também apresenta sua versão masculina, como o personagem *Uncle Tom*, do filme *Uncle Tom's Cabin*, que chegou no Brasil através do personagem Pai Tomás, presente na telenovela *A cabana do Pai Tomás*, que além de reforçar o estereótipo do negro bondoso, serviçal e fiel aos brancos, ele era responsável por dar “conselhos” aos outros negros. Um ponto importante de destacar nesta telenovela é o fato dela fazer uso do “*Blackface*”, quando um ator branco se pinta de preto e usa de adereços para remeter aos traços negroides, nesse caso, o ator Sérgio Cardoso. Esse personagem se define como:

Pai tomás- os bons negros; mesmo que sejam sempre “perseguidos, assediados, caçados, açoitados, escravizados e insultados, eles mantinham a fé, jamais se voltam contra os brancos e mantêm-se saudáveis, submissos, estóicos, generosos, altruístas e oh!l gentis” (BOGLE, 1973, p.6 apud HALL 2016, p.177).

Esse tipo de personagem era inserido nas produções para “ensinar” outros negros quanto a sua postura dentro da sociedade e para com os pessoas brancas, além de deslegitimar o discurso dos movimentos por igualdade racial, muitas vezes, percebemos personagens reais desse personagem, como os negros que são usados por pessoas brancas como “o amigo negro”, como justificativa para ser racista ou para provar não ser racista, por ter uma pessoa negra como amigo que influencia o amigo negro a pensar dessa forma, o trecho a seguir nos ajuda a entendermos a lógica desse personagem:

O “*amigo preto*” ou “*Black Sidekick*” e o parceiro preto “Black Buddy”. [...] Para Collins o “*Black Sidekick*” é imagem de um acompanhante negro remunerado cuja incompletude social serve totalmente ao seu condutor: um homem branco poderoso, supostamente tolerante em termos raciais. Por sua vez, “Black Buddy” cuja identidade masculina incompleta apresenta a lealdade como atributo principal para servir de modo dependente à realização da masculinidade do homem branco. Este “irmão negro” é, meramente uma pessoa, sem identidade racial individual, uma vez que toda a sua agência política está em função de outra (COLLINS, 2004, p. 167 apud RIBEIRO 2015, p.79).

Levando em conta a citação sobre o Pai Tomás e comparando com o caso do Tio Barnabé, ex-escravizado que pertenceu ao pai de Dona Benta até os seus 39 anos, completados em 1882, data em que a lei Áurea foi assinada pela Princesa Isabel, que mesmo livre se manteve na fazenda até tornar-se agregado da filha de seu ex-senhor, não temos certeza se ele passou por todos os horrores da escravidão ou se o pai de Dona Benta era um abolicionista e não maltratava seus escravizados, mas a sua condição de subalterno existia. Na pouca participação de Tio Barnabé nos livros, identificamos perfeitamente a descrição desse estereótipo, além de sua participação ser curta ela serve para orientar um menino branco, ou seja, naquele momento ele é útil a Pedrinho, demonstrando, sem resistência, coisas que talvez fossem segredos de sua cultura.

Os pretos velhos libertos, como é caso de Tio Barnabé, dependiam da boa vontade de pessoas como Dona Benta para terem sua moradia e pedaço de terra. No caso de Tio Barnabé, sua permanência do sítio se deu, também, pelo fato dele ser um ex-escravizado do pai de Dona Benta. Em comparação a existência e posição que Tio Barnabé e Tia Nastácia ocupavam, notamos a catequização de ambos, Tia Nastácia é descrita se benzendo e Tio Barnabé reza todas as noites, como mostra o trecho “-Tinha anoitecido e eu estava sozinho em casa, rezando as minhas rezas. Rezei, e depois me deu vontade de fazer pipoca” (LOBATO(B), 1962, p. 187). Tio Barnabé recebe canção própria para o seriado O sítio do Picapau Amarelo, no ano de 2001 a 2007, transmitida pela Rede Globo.

Tio Barnabé fumando seu cachimbo. Ele é o nosso preto velho. O nosso preto velho. Tio Barnabé se zanga com Saci Pererê. Quando ele prega peça, quando ele prega peça. Sabe tudo da floresta coisa ruim em festa. Conta causo pras crianças que boa lembrança. E todo mundo só lhe quer bem. Dos mal assombros medo ele tem Mas todos o respeitam também. Avô de todo sítio. E todo mundo só lhe quer bem. Dos mal assombros medo ele tem. Mas todos o respeitam também. Avô de todo o sítio. (VIANA, 2001, p.1).

A canção, apesar de ser composta décadas depois a morte de Lobato e do lançamento de suas obras, ajudam-nos a entender mais sobre sua construção e o ideal de negro, para o grupo hegemônico, refletido em sua imagem.

Com isso, podemos observar como o racismo se estrutura na obra, onde, além das ofensas escrachadamente racistas, temos uma organização da construção de seus personagens negros com o intuito de estereotipar, a hierarquização das relações, a fim de colocar o negro como subalterno e uma inferiorização do negro na história, seja intelectualmente, como vínculo de trabalho, nas suas culturas e em relação aos personagens brancos da história

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação social é vital na vida em sociedade e com isso se torna um instrumento no combate ao racismo e de outras opressões. É preciso ouvir as pautas trazidas pelos movimentos sociais, no caso o movimento negro e antirracista, a fim de colaborar com o desmonte da estrutura racista que conforma o social. O trabalho realizado identifica essa estrutura e promove a problematização da representação e construção de estereótipos de pessoas negras, a partir da obra *O Sítio do Picapau Amarelo*.

A partir das análises, foi possível identificarmos aspectos problemáticos quanto a presença de negros na história. Para isso, foi preciso que criássemos categorias de análise que contemplassem as formas de opressão apresentadas dentro da obra. A pesquisa possui como base a problemática que investiga como as representações e construções de estereótipos de pessoas negras estão relacionadas ao racismo do autor e ao racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Com isso, realizamos uma leitura prévia dos livros, através da qual foi possível criar as categorias de análise que foram as guias para a realização da pesquisa.

Assim, estudamos a construção dos três personagens negros da obra, Tia Nastácia, Tio Barnabé e O Saci Pererê, a relação entre esses três personagens e com os personagens brancos, e a inferiorização aplicada aos personagens negros e à cultura do povo. Essas categorias, aliadas aos conhecimentos adquiridos sobre a representação de pessoas negras, estereótipos e racismo estrutural, permitiram que encontrássemos aspectos raciais que vão além das ofensas racistas denunciadas na obra. Essas categorias serviram de suporte para o cumprir os objetivos, como problematizar as representações de pessoas negras nos contos que formam a obra *O Sítio do Picapau Amarelo*. E, também, construímos um trabalho que debate acerca da posição que as pessoas negras ocupam nessas histórias e de como a cultura do povo é representada, revelando os aspectos racistas da obra, estes que são diretamente ligados ao racismo do próprio autor.

Outro ponto levado em consideração na pesquisa foram os pensamentos de Monteiro Lobato quanto a questão de raça. O autor comprovadamente apoiava ideias não só racistas, como eugenistas, expressas em suas cartas, declarações e escritos do autor, os quais não deixam dúvidas sobre a existência do racismo e do que pensava sobre a presença de negros no país. Ainda que Monteiro Lobato tenha a sua liberdade de

expressão garantida, não há como aceitar que essa liberdade oprima, estereotipe e ridicularize pessoas por causa da cor de sua pele, prejudicando a constituição da identidade de pessoas negras. Por essa razão, sua obra não deve ser lida pelo público infantil sem ser problematizada ou aliada a estudos sobre o racismo em nossa sociedade.

Também não é possível inocentar o autor, é preciso classificar sua opressão a partir de suas graves consequências, pois o movimento eugênico, ao qual ele fazia parte, era formado por homens considerados intelectuais da época. Além disto, não podemos ignorar sua admiração a organizações como a Ku Klux Klan, expressada em uma das correspondências. Lobato ultrapassa os limites dessa liberdade, ao apoiar organizações que buscam o fim de pessoas negras ou “mestiças” e/ou “mulatas”, como ele cita na carta enviada ao amigo. Lobato é, com frequência, citado em trabalhos que estudam o eugenismo Brasil e destacamos aqui a peça teatral “Tragam-me a cabeça de Lima Barreto”, criada por Hilton Cobra, da Cia. dos Comuns, em 2001. Na peça, percebemos o nome de Monteiro Lobato citado e sua carta como um dos setes fundamentos eugenistas.

As culturas africanas têm um papel importantíssimo na construção do sociedade brasileira. Ela é heterogênea, pois se configurou a partir dos diferentes povos sequestrados do continente africano na época da escravidão. A contribuição das culturas africanas influenciou na dança, música, religião, festas populares e tantos outros pontos que nem imaginamos, mas, infelizmente, o que aprendemos na escola sobre o povo negro se limita, muitas vezes, à escravidão ou os conteúdos são apresentados de forma distorcida, fazendo da imagem do negro como um ser escravo por natureza e não de pessoas que foram escravizadas. A cultura afro-brasileira é desvalorizada e só é bem vista quando é apropriada por pessoas brancas. Em contrapartida, leis como a 10.639/2003 são importantes e colaboram para enaltecer e deixar nítida a importância de estudar os países africanos para a formação do país. O objetivo dessa lei é implantar nas escolas o ensino da história e cultura afro-brasileiras-brasileiras e africanas.

As implicações do racismo na construção da identidade do povo negro afetam profundamente a vida e o desenvolvimento de pessoas negras. Mesmo após a abolição, a cultura negra continuou sendo desvalorizada e quando vinha à tona era mostrada a partir de uma visão eurocêntrica e preconceituosa, como identificamos na análise das obras selecionadas nesta pesquisa. Com isso, desenvolveram-se em nossa sociedade diversas distorções sobre a cultura negra, além de inúmeros boicotes, como apropriações,

marginalizações, violências, leis com objetivos genocidas. A literatura é uma das formas de comunicação mais valorizadas em nossa sociedade, mas, assim como a alfabetização, foi um processo que demorou para chegar nas mãos de pessoas negras e da classe popular e só permitiu que essas pessoas escrevessem seus próprios livros depois de muitos séculos.

Além disso, percebemos como as representações de vidas negras na obra de Lobato são devastadoras ao colocar o negro em posições subalternas, chegando ao ponto de compará-lo a animais, através de revelar uso de estereótipos como o da Mão preta e do Pai Tomás, que cristalizam a imagem do negro como um ser inferior e servil. Obras como essas e autores como esses, devem ser usados como exemplo do que não fazer, ou seja, a solução não seria simplesmente apagar o racismo na obra ou as ofensas, até porque ele se dá de forma estrutural, isso seria inocentar e impedir que os leitores saibam o que são atos racistas. Por outro lado, devemos incentivar a leitura de trabalhos produzidos por autores que trazem em seus projetos a representativa e valorização do negro, pois estes servem de exemplo aos leitores e, por vezes, seriam muito mais aproveitados pelo sistema educacional e para um aprendizado antirracista que necessitamos em uma sociedade estruturalmente racista como a nossa.

A pesquisa trouxe grandes contribuições, tanto pessoais e acadêmicas, como no aumento da percepção das formas com que o negro é colocado nas histórias infantis e da forma estrutural que o racismo se encontra em nossa sociedade. Apesar dos percalços e inseguranças quanto à temática, visto que há muitos trabalhos que analisaram os escritos de Lobato, creio que ainda há muito que ser discutido sobre as produções do autor, pois por mais que exista um grande movimento que comprove o racismo em o Sítio do Picapau Amarelo e apresente soluções para uma leitura crítica da obra, há outro movimento que busca justificar seu racismo como aceitável e que apenas a retirada da expressões racistas seria suficiente.

Por fim, a pesquisa serviu como uma atualização do debate sobre o racismo de Lobato, expressado em suas obras infantis, assim como o debate sobre racismo estrutural, trazendo pistas sobre a importância do campo da Produção Editorial para a promoção da crítica e das lutas antirracistas. Em suma, a representação e estereótipo de pessoas negras na literatura, telenovela e seriados precisa ser problematizada e não mais negada.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. 203

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: O negro na telenovela*. 2 ed.-São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

BALDO, Mário. **O capitão do mato**. 1980. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História do Brasil, Universidade Federal de Curitiba, Curitiba, 1980. Cap. 15.

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha et al (Org.). *Pesquisa em comunicação: olhares e abordagens*. Santa Maria: Gráfica Pallotti, 2014. Revisão de Anelise Rublescki.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2009.

BRASIL. Conselho nacional de educação (CNE) o Ofício nº 041761.2010-00, da Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), relativo ao Processo nº 00041.000379/2010-51. CEB, Brasília, DF.30 jun. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8180-pceb006-11-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em:22 de nov.2019.

CANTON, Ciro. Das “velhas senzalas” às “novas favelas”:: a Missa dos Quilombos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 15., 2009, Fortaleza. **ANPUH**. Fortaleza: Anpuh, 2009. v. 15, p. 1 - 10. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.1045.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

CASTRO, Thiago Gomes de; ABS, Daniel; SARRIERA, Jorge Castellá. Análise de Conteúdo: em Pesquisas de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Porto Alegre, v. 4, n. 31, p.814-825, 2011. Anual. Disponível em: <<file:///C:/Users/Tiéli/Documents/kat%208%20semestre/TAC1/leituras/analise%20de%20conteudo%20pesquisa%20empirica.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

DIANA, Danieli. **DIA DO SACI: 31 DE OUTUBRO. Toda Matéria**. 31 de out.2019. Disponível em:<<https://www.todamateria.com.br/dia-do-saci/>> Acesso em 31 de out. 2019.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma História da Eugenia no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

DUTRA, Maria Rita Py. **A imagem dos personagens negros na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato**. 2009. Color.

DYER, Richard. Don't Look Now-the Pin-Up. *Screen*. V.3/4. nº23 1982.

EM GRANDE FINAL, MARIANO RESSURGE E ACABA COM A RAÇA DE SOPHIA NO TRIBUNAL. **Jetss.com**. 11 de mai 2018 Disponível em:<<https://br.jetss.com/entretenimento/novelas/2018/05/em-grande-final-mariano-ressurge-e-acaba-com-a-raca-de-sophia-no-tribunal/>>. 20 de nov. 2019.

FAUSTINO, Oswaldo. **A HISTÓRIA DE MÃE DOLORES**. 2016. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/a-historia-de-mae-dolores/>>. Acesso em: 10 Não é um mês valido! 2019.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, n. CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro Homem Negro Homem Negro Homem Negro Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Estudos Feministas**, Florianopolis, v. 1, n. 25, p.73-97, 1 maio 2017. Trimestral.44, p.367-383, 1 abr. 2010. Mensal. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

FILHO, Aluizio Alves. O racismo em Monteiro Lobato: segundo leituras de afogadilho. . **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, p.355-407, 1 ago. 2016. Trimestral. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos/v8n2a82016.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Puc-rio Apicuri, 2016. 259 p.

HELENA, Sarah. OITO GRANDES AUTORES NEGROS DA LITERATURA INFANTIL. **Blog da Leiturinha**. 2019. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/8-grandes-autores-negros-da-literatura-infantil/>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

JARDIM, Suzane. **Uncle Tom**: Reconhecendo estereótipos racistas internacionais – Parte VI. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/uncle-tom-reconhecendo-estereotipos-racistas-internacionais-parte-vi/>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

JOAQUIM, Pai. **13 de maio, dia do pai joaquim**: tenda do pai joaquim. 2013. Disponível em: <<https://www.paijoaquim.com.br/13-de-maio-dia-dos-pretos-velhos/>>. Acesso em: 13 maio 2013.

JUNIOR, Durval. Mãos negras, mentes gregas: as narrativas de luís da câmara cascudo sobre as religiões afro-brasileiras. **Revista esboços**. Florianópolis. Vol. 17, Nº 23, pp. 9-30. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n23p9>>. Acesso em 25 nov.2019.

LIMA, Arianne Teixeira de. A “**MULHER ARRASTADA**”: A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DO CASO CLAUDIA SILVA FERREIRA EM TRÊS JORNAIS DA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL. 2015. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Cap. 4. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/1666>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

LOBATO a monteiro. Viagem ao Céu. **Editora brasiliense**. 11^a ed. São Paulo, 1962.

LOBATO b monteiro. O Saci. **Editora brasiliense**. 11^a ed. São Paulo, 1962.

LOBATO c monteiro. Caçadas de Pedrinho. **Editora brasiliense**. 11^a ed. São Paulo, 1962.

LOBATO d monteiro. Histórias de Tia Nastácia **Editora brasiliense**. 11^a ed. São Paulo, 1962.

MACHADO, Sátira. **Comunicação, educação, negritude: interações de professores(as), com a cidadania.** 2013. 295 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade do Vale dos Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013. Cap. 8. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/00000b/00000bfc.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

MARIANO CHOCA TRIBUNAL AO MOSTRAR SUAS CICATRIZES. **Globoplay.** Rio de Janeiro, 11 de mai 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6730556/>>. Acesso em: 21 de nov. 2019.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e minorias sociais.** São Paulo: Alpha Design, 2002. 223 p.

MEZZADRA, Sandro. Multidão e Migrações: a autonomia dos migrantes. **Revista do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da Ufrj**, Rio de Janeiro, p.70-107, 10 jul. 2019.

ORSO, Paulino Jose. A concepção de poder em Michel Foucault e as relações de poder na Universidade Estadual do Oeste do Parana - UNIOESTE. 1996. 146f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251210>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005.

PORCIÔNULA, Rafael Fúculo. **AS IDEIAS RACIAIS NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO: FICÇÃO E NÃO FICÇÃO.** 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Cap. 6. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2668>>. Acesso 02 fev. 2019.

RIBEIRO,R. LITERATURA E RACISMO: UMA ANÁLISE SOBRE MONTEIRO LOBATO E SUA OBRA. **Conjur.** 12 de dez. 2015. Disponível em:<https://www.conjur.com.br/2015-dez-12/literatura-racismo-analise-monteiro-lobato-obra#_ftn17>. Acesso em: 24 nov. 20219.

RIBEIRO. **Homens Negros, Negro Homem:** sob a perspectiva do feminismo negro.. 2015. 2 v. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

RICHER,Antônio. STF NEGA PEDIDO PARA DE SUSPENDER LIVRO DE MONTEIRO LOBATO EM ESCOLAS PÚBLICAS. Agência Brasil. Brasília,23 dezembro de 2014.Disponível em:<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-12/stf-rejeita-suspender-livro-de-monteiro-lobato-em-escolas-publicas>>. Acesso em : 22 de nov. 2014.

ROCHA, Fábio. **Vidas a meia luz: negros e pobres em são paulo (1890-1920).**3º encontro escravidão e liberdade no Brasil meridional. Porto Alegre (UFRGS), de 24 a 27 de maio de 2017.Disponível em:<<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/8encontro/Textos8/fabiodantasrocha.pdf>>. Acesso em: 20 nov.2019.

RONCADOR, Sonia. **O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural.** Brasília: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 2008. 152 p.

ROSA, Waldemir. **Observando uma Masculinidade Subalterna:** homens negros em uma “democracia racial” *. 2006. 7 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2006.

SANTOS, E, Eufrázia Cristina Menezes. **A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DE UM PERSONAGEM RELIGIOSO: O PRETO VELHO.** 2007. 35 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Cristovão, 1999. Cap. 1.

SANTOS, Gyne; SALES, Sandra. A Mulher Negra Brasileira, Miscigenação e o Estupro Colonial: O mito da democracia racial e o reforço de estereótipos racistas e sexistas. **Caderno Espaço Feminino**, [s.l.], p.40-62, 30 jan. 2018. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/cef-v31n1-2018-3>. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/41554>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SANTOS, R, Ricardo Augusto dos. Branqueamento do Brasil. **História, Ciência e Saúde**: manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.221-224, 2008. Trimestral.

SCHWARCZ, L. M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 242.

SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental: Afro-Asia. **Redaly**: red revistas científicas, Bahia, p.87-144, 10 jul. 2019.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. (Orgs.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

SOUSA, Gabriela Tavares de. A Representatividade Negra na Literatura Infantil: dentro da sala de aula. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS, 5., 2018, Uberlândia. Consócio Nacional de Núcleos de Estudos Afro-brasileiros. Uberlândia: Abpn, 2018. v. 5, p. 1 - 9. Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1538188330_AR_QUIVO_XCOPENEARepresentatividadeNegraLiteraturaInfantildentrodasaladeaula.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.

SOUZA, de; VELOSO. SACI-PERERÊ: O PROCESSO DE CRIAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O IMAGINÁRIO. In: III JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FACIG, 3., 2017, Manhaçu. **III Seminário Científico da FACIG**. Manhaçu: Facig, 2017. v. 3, p. 1 - 5.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. AS REPRESENTAÇÕES DO HOMEM NEGRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS. **Fórum**: identidades, Florianópolis, v. 6, n. 3, p.97-115, 1 dez. 2009. Semestral.

STANCIK, Marco Antonio. Eugenia no Brasil: nos tempos da Primeira República (1889-1930): a perspectiva de Aleixo de Vasconcellos. **Espaço Plural**, Paraná, v. 14, n. 4, p.32-35, maio 2014. Semestral. Disponível em: <[file:///C:/Users/Tiéli/Downloads/492-1700-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Tiéli/Downloads/492-1700-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2019.

VALENTE, Thiago Alves. **MONTEIRO LOBATO NAS PÁGINAS DO JORNAL**: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923). 2009. 772 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009. Cap. 1.

VIANA, Max. **Tio Barnabé**. Som Livre. Rede Globo de Televisão.2001